

MALSINAÇÕES (VÍCIOS MORAIS)

MALSINAÇÕES

Malsinações aqui serão interpretadas como: defeitos, imperfeições, vícios; tudo aquilo que pode desviar o homem do BEM, das leis de Deus.

I - INTRODUÇÃO: ORIGEM DO BEM E DO MAL

1. - Sendo Deus o princípio de todas as coisas, e sendo este princípio todo sabedoria, toda bondade, toda justiça, tudo o que dele procede deve participar de seus atributos, por que é infinitamente sábio, justo e bom, nada pode produzir de insensato, de mau e de injusto. O mal que observamos não deve, pois, ter a sua fonte nele.

2. - Se o mal, estando nos atributos de um ser especial que se chama Arimane ou Satã, de duas coisas uma: ou esse ser seria igual a Deus e, conseqüentemente, tão poderoso quanto ele, e de toda a eternidade igual a ele, ou lhe seria inferior.

No primeiro caso, haveria duas potências rivais, lutando sem cessar, cada uma procurando desfazer o que a outra faz, e se opondo mutuamente. Esta hipótese é inconciliável com a unidade de vistas que se revela na disposição do Universo.

No segundo caso, esse ser, sendo inferior a Deus, ser-lhe-ia subordinado; não podendo ter sido igual a ele, de toda a eternidade, sem ser seu igual, teria um começo; se foi criado, não pode tê-lo sido senão por Deus; Deus teria, assim, criado o Espírito do mal, o que seria negação da sua infinita bondade.

3. - Entretanto, o mal existe e tem uma causa.

Os males de todas as espécies, físicos ou morais, que afligem a Humanidade, apresentam duas categorias que importa distinguir:

a - são os males que o homem pode evitar,

b - são aqueles que independem da sua vontade.

Entre estes últimos, é preciso colocar os flagelos naturais.

O homem, cujas faculdades são limitadas, não pode penetrar, nem abarcar, o conjunto dos objetivos do Criador; julga as coisas sob o ponto de vista da sua personalidade, dos interesses factícios e da convenção que se criou, e que não estão na ordem da Natureza; por isso é que ele acha, freqüentemente, mau e injusto, o que acharia justo e admirável se lhe visse a causa, o fim e o resultado definitivo. Procurando a razão de ser e a utilidade de cada coisa, reconhecerá que tudo leva a marca da Inteligência Suprema, e se inclinará diante dessa sabedoria, mesmo para as coisas que não compreende.

4. - O homem recebeu, em herança, uma inteligência com a ajuda da qual pode conjurar, ou pelo menos grandemente atenuar os efeitos de todos os flagelos naturais; quanto mais ele adquirir saber e avançar em civilização, menos esses flagelos são desastrosos; com uma organização social sabiamente providente, poderá mesmo neutralizar-lhes as conseqüências, quando não puderem ser inteiramente evitadas. Assim, para esses mesmos flagelos, que têm a sua utilidade na ordem da Natureza e para o futuro, que ferem no presente, Deus deu ao homem, pelas faculdades com as quais dotou o seu Espírito, os meios de paralisar-lhes os efeitos.

Assim é que ele saneia os continentes insalubres, neutraliza os miasmas pestilentos, fertiliza as terras incultas e se esforça por preservá-las das inundações; que constrói habitações mais saudáveis, mais sólidas para resistirem aos ventos, tão necessários para a depuração da atmosfera, que se coloca ao abrigo das intempéries; foi assim, enfim, que, pouco a pouco, a

necessidade fê-lo criar as ciências, com a ajuda das quais melhora a habitabilidade do globo, e aumenta o seu bem-estar.

5. - Devendo o homem progredir, os males, aos quais está exposto, são um estimulante para o exercício da sua inteligência, de todas as suas faculdades, físicas e morais, iniciando-o na pesquisa dos meios para deles subtrair-se. Se não tivesse nada a temer, nenhuma necessidade o levaria à pesquisar, seu espírito se entorpeceria na inatividade; não inventaria nada e não descobriria nada. A dor é o aguilhão que impele o homem à frente, no caminho do progresso.

6. - Mas os mais numerosos males são aqueles que o homem cria para si mesmo, pelos seus próprios vícios, aqueles que provêm de seu orgulho, de seu egoísmo, de sua ambição, de sua cupidez, de seus excessos em todas as coisas; aí está a causa das guerras e das calamidades que elas arrastam, dissensões, injustiças, opressão do fraco pelo forte, enfim a maioria das doenças.

A Gênese - cap. III, Allan Kardec

Terra Bendita ! Terra, que tanta vez malsinamos nos dias de infortúnio ou nos momentos de ignorância, nós te agradecemos as dores e as aflições que nos ofereces, por espólio de nossos próprios erros, e rogamos a Deus nos fortaleça os propósitos de reajuste e aperfeiçoamento, para que, um dia, possamos retribuir-te, de algum modo, os benefícios que nos tens prodigalizado, por milênios de milênios, através da reencarnação.

1 - O LIVRO DOS ESPÍRITOS

264. O que orienta o Espírito na escolha das provas?

-Ele escolhe as que lhe podem servir de expiação, segundo a natureza de suas faltas, e fazê-lo adiantar mais rapidamente. Uns podem impor-se uma vida de misérias e privações, para tentar suportá-la com coragem; outros, experimentar as tentações da fortuna e do poder, bem mais perigosas pelo abuso e o mau emprego que lhes pode dar e pelas más paixões que desenvolvem; outros, enfim, querem ser provados nas lutas que terão de sustentar no contato com o vício.

645. Quando o homem está mergulhado na atmosfera do vício, o mal não se torna para ele um arrastamento quase irresistível?

- Arrastamento, sim; irresistível, não; porque no meio dessa atmosfera de vícios pode encontrar grandes virtudes. São Espíritos que tiveram a força de resistir, e que tiveram, ao mesmo tempo, a missão de exercer uma boa influência sobre os seus semelhantes

895. À parte, os defeitos e os vícios sobre os quais ninguém se enganaria, qual é o indício mais característico da imperfeição?

- O interesse pessoal. As qualidades morais são geralmente como a douração de um objeto de cobre, que não resiste à pedra de toque. Um homem pode possuir qualidades reais que o fazem para o mundo um homem de bem; mas essas qualidades, embora representem um progresso, não suportam em geral certas provas, e basta ferir a tecla do interesse pessoal para se descobrir o fundo. O verdadeiro interesse é de fato tão raro na Terra que se pode admirá-lo como a um fenômeno, quando ele se apresenta. O apego às coisas materiais é um indício notório de inferioridade, pois quanto mais o homem se apega aos bens deste mundo, menos compreende o seu destino. Pelo desinteresse, ao contrário, ele prova que vê o futuro de um ponto de vista mais elevado.

899. De dois homens ricos, um nasceu na opulência e jamais conheceu a necessidade, o outro deve sua fortuna ao seu próprio trabalho; e ambos a

empregam exclusivamente em sua satisfação pessoal. Qual deles é mais culpado?

- O que conheceu o sofrimento. Ele sabe o que é sofrer, conhece a dor que não alivia, mas como geralmente acontece, nem se lembra mais dela.

900. Aquele que acumula sem cessar e sem beneficiar a ninguém terá uma desculpa válida ao dizer que ajunta para deixar aos herdeiros?

- É um compromisso de má consciência.

901. De dois avarentos, o primeiro se priva do necessário e morre de necessidade sobre o seu tesouro; o segundo é avaro só para os demais e pródigo para consigo mesmo; enquanto recua diante do mais ligeiro sacrifício para prestar um serviço ou fazer uma coisa útil, nada lhe parece muito para satisfazer aos seus gostos e às suas paixões. Peçam-lhe um favor, e estará sempre de má vontade, ocorra-lhe, porém, uma fantasia, e estará sempre pronto a satisfazê-la. Qual deles é o mais culpável e qual terá o pior lugar no mundo dos Espíritos?

- Aquele que goza. É mais egoísta do que avarento. O outro já recebeu uma parte de sua punição.

902. É repreensível cobiçar a riqueza com o desejo de praticar bem?

- O sentimento é louvável, sem dúvida, quando puro. Mas esse desejo é sempre bastante desinteressado? Não trará oculta uma segunda intenção pessoal? A primeira pessoa a quem se deseja fazer o bem não será muitas vezes a si próprio?

903. Há culpa em estudar os defeitos alheios?

- Se é com o fito de criticar e divulgar, há muita culpa, porque isso é faltar com a caridade. Se é com intenção de proveito pessoal, para evitar aqueles defeitos, pode ser útil. Mas não se deve esquecer que a indulgência para

com os defeitos alheios é uma das virtudes compreendidas na caridade. Antes de censurar as imperfeições dos outros, vede se não podem fazer o mesmo a vosso respeito. Tratai, pois, de possuir as qualidades contrárias aos defeitos que criticais nos outros. Esse é um meio de vos tornardes superior. Se os censurais por serem avarentos sede generosos; por serem orgulhosos, sede humildes e modestos; por serem duros, sede dóceis; por agirem com mesquinhez, sede grandes em todas as vossas ações. Em uma palavra, fazei de maneira que não vos possam aplicar aquelas palavras de Jesus: "Vedes um argueiro no olho do vizinho e não vedes uma trave no vosso".

904. É culpado o que sonda os males da sociedade e os desvenda?

- Isso depende do sentimento que o leva a fazê-lo. Se o escritor só quer fazer escândalo, é um prazer pessoal que se proporciona, apresentando quadros que são, em geral, antes um mau do que um bom exemplo. O Espírito faz uma apreciação, mas pode ser punido por essa espécie de prazer que sente em revelar o mal.

904-a. Como julgar, nesse caso, a pureza das intenções e a sinceridade do escritor?

- Isso nem sempre é útil. Se ele escreve boas coisas, procure aproveitá-las; se escreve más, é uma questão de consciência que a ele diz respeito. De resto, se ele quer provar a sua sinceridade, cabe-lhe reforçar os preceitos com o seu próprio exemplo.

905. Alguns autores publicaram obras muito belas e moralmente elevadas, que ajudam o progresso da Humanidade, mas das quais eles mesmo não tiraram proveito. Como Espíritos lhes será levado em conta o bem que fizeram por meio de suas obras?

- A moral sem ações é como a semente sem o trabalho. De que vos serve a

semente se não fizerdes frutificar para vos alimentar? Esses homens são mais culpáveis porque tinha inteligência para compreender; não praticando as máximas que ofereciam aos outros, renunciaram a colher os seus frutos.

906. É repreensível aquele que, fazendo conscientemente o bem, reconhece que o faz?

- Desde que pode ter consciência do mal que fizer, deve tê-la igualmente do bem, a fim de saber se age bem ou mal. É pesando todas as suas ações na balança de Deus, e sobretudo na da Lei da Justiça, do amor e da caridade, que ele poderá dizer a si mesmo se as suas ações são boas ou más e aprová-las ou desaprová-las. Não pode, pois, ser responsabilizado por reconhecer que triunfou das más tendências e por estar satisfeito por isso, desde que não se envaideça, com o que cairia em outra falta.

Allan Kardec - LE

2 - AMBIÇÃO

A Doutrina Espírita nos ensina que o direito de viver é "o primeiro de todos os direitos do homem", cabendo-lhe, subseqüentemente, também o de "acumular bens que lhe permitam repousar quando não mais possa trabalhar. "

Se todos os homens fôsem previdentes e, ao invés de malgastar seus rendimentos no Vício e no luxo, tratassem de formar um pecúlio com que assegurar a tranquilidade de sua velhice, a Sociedade não teria que arcar, como hoje acontece, com o pesado ônus da manutenção de tantas criaturas que chegam ao fim de seus dias na maior indigência, precisadas de teto, alimento, agasalho, remédio, etc.

O desejo de possuir, com o fim de resguardar-se das incertezas do futuro, não justifica, entretanto, os meios que certos homens soem empregar para conseguir bens de fortuna.

Propriedade legítima - di-lo o Espiritismo - só é aquela que foi conseguida por meio do trabalho honesto, sem prejuízo de ninguém".

Ora, se se pudesse investigar a origem de muitas fortunas acumuladas nas mãos de determinadas famílias, verificar-se-ia, com horror, que são frutos de roubos vergonhosos, traficâncias infames e crimes execráveis.

O tempo, porém, tudo santifica, de sorte que, após algumas gerações, tais haveres se transformam em "sagrado e inviolável patrimônio", defendido com unhas e dentes pelos netos e bisnetos dos ladrões, traficantes e criminosos que o erigiram.

Não raro, essas fortunas se transferem, por herança, a pessoas que solicitaram, no plano espiritual, a oportunidade de voltar ao prosclênio da Terra para dar-lhes uma aplicação nobre, proporcionando assim uma reparação àqueles que inicialmente as adquiriram mal, reparação essa que, se efetuada, lhes suavizaria os remordimentos de consciência.

Quase sempre, todavia, não resistem ao fascínio das riquezas e, longe de corresponderem ao que delas se esperava, deixam-se tomar pela cobiça, tratando de aumentar, egoisticamente, aquilo que receberam.

Daí a afirmação do Mestre, de que "é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus" (Mat., 19 : 24) .

Neste mundo e no grau evolutivo em que nos encontramos, a aquisição e a defesa da propriedade individual devem e precisam ser consagradas, porque a [ambição](#) é, e tão cedo não deixará de sê-lo, um dos mais fortes

sentimentos humanos, constituindo-se, mesmo, em mola propulsora do progresso.

Pretender-se que, a curto prazo, o homem renuncie aos interesses pessoais em nome de um ideal igualitário, é desconhecer-lhe a natureza e esperar o impossível.

Tanto assim que a União Soviética, onde essa prerrogativa democrática foi proscrita, começa a admitir ser isso um erro, um entrave ao seu desenvolvimento, dispondo-se a uma revisão do assunto, de modo a reinstaurar o direito de propriedade, por ser ele o mais poderoso estímulo à produtividade do indivíduo.

O que de melhor se deve fazer não é confiscar os haveres de quem quer que seja, mas aperfeiçoar nossas leis, criando condições para que aumente o número de proprietários, mediante uma participação mais equitativa da riqueza.

À medida que se adianta espiritualmente, o homem passa a compreender que, em última análise, ninguém é dono de nada, pois tudo pertence a Deus, sendo, todos nós, meros usufrutuários dos bens terrenos, já que eles não poderão seguir conosco, de forma alguma, além das fronteiras da morte. Por conseguinte, se a Providência no-los confia, por determinado período, não é para que os utilizemos em proveito exclusivamente familiar, mas para que aprendamos a movimentá-los em benefício de todos, dando-lhes uma função social.

Filhos que somos do Pai Celestial e portanto co-herdeiros do Universo, dia virá - se bem que assaz longínquo -- quando, libertos, por merecimento, do ciclo de reencarnações em mundos grosseiros como o nosso, haveremos de tornar-nos puros espíritos, tendo por morada as suaves e maravilhosas esferas siderais.

Será, então, com imensa autopiedade que nos recordaremos desta fase de nossa evolução em que tão grande é o nosso apego a uns pedacinhos de chão lamacento e tão desesperada a nossa luta por uns papezinhos coloridos, estampados na Casa da Moeda ...

Rodolfo Calligaris

3 - AMOR-PRÓPRIO

O "amor-próprio, o "brio", o "caráter", a "honra", são atitudes que a sociedade humana reclama da personalidade; como proceder em tal caso, quando os fatos colidem com os nossos conhecimentos evangélicos?

- O círculo social exige semelhantes atitudes da personalidade e, contudo essa mesma sociedade ainda não soube entendê-las, senão pela pauta das suas convenções, quando o AMOR-PRÓPRIO, o brio o caráter e a honra deveriam ser traços do aperfeiçoamento espiritual e nunca demonstrações de egoísmo, de vaidade e orgulho, quais se manifestam, comumente na Terra.

Quando o homem se cristianizar, compreendendo essas posições morais no seu derradeiro prisma, não mais se verificará qualquer colisão entre os acontecimentos da existência comum e os seus conhecimentos do Evangelho, porquanto o seu esforço será sempre o da cooperação sincera a favor do reerguimento e da elevação espiritual dos semelhantes.

Emmanuel

Por que vês tu, pois, o argueiro no olho de teu irmão, e não vês a trave no teu olho? (Mt., 7:3)

Um dos caprichos da Humanidade é ver cada qual o mal alheio antes do próprio. Por que condenar nos outros o que desculpamos em nós? Antes de criticar alguém, consideremos se a própria reprovação não nos pode ser aplicada. Quando criticais, que dedução se pode tirar das vossas palavras? A de que vós, que censurais, não praticastes o que condenais, e valeis mais que o culpado (ESE, Cap. X item 16). Se nos julgamos superiores àquele que criticamos é porque ainda somos movidos pelo orgulho, pelo AMOR-PRÓPRIO.

Eis no fundo o móvel de nossas palavras. Comprazemo-nos na eventual supremacia de nossas qualidades, satisfazemo-nos com o capricho do EU SUPERIOR. Ao invés de uma postura espiritualizada que visa o bem sincero do próximo, estamos antes satisfazendo o nosso próprio ego. O homem autêntico se ama é e não como gostaria de ser visto. É isso que distingue o amor a si do AMOR-PRÓPRIO.

4 - AVAREZA

A avareza é uma das mais repugnantes formas do egoísmo, pois demonstra a baixeza da alma que, monopolizando as riquezas necessárias ao bem comum, nem mesmo sabe delas aproveitar-se. O avarento, pelo seu amor do ouro, pelo seu ardente desejo de adquirir, empobrece os semelhantes e torna-se também indigente; pois, ainda maior que essa prosperidade aparente, acumulada sem vantagem para pessoa alguma, é a pobreza que lhe fica, por ser tão lastimável como a do maior dos desgraçados e merecer a reprovação de todos.

Nenhum sentimento elevado, coisa alguma do que constitui a nobreza da criatura pode germinar na alma de um avarento. A inveja e a cupidez que o

atormentam sentenciam-lhe uma existência penosa, um futuro mais miserável ainda. Nada lhe iguala o desespero, quando vê, de além-túmulo, seus tesouros serem repartidos ou dispersados.

O avarento dos bens materiais é credor de reprovação, mas o avarento do amor é digno de lástima. O primeiro se esconde num poço dourado, o segundo mergulha-se nas sombras do coração.

O sovina da fortuna amoedada retém pedras, metais e papéis de valor convencional, que a vida substitui na provisão de recursos à comunidade, mas o sovina da alma retém a fonte da felicidade e da paz, da esperança e do bom ânimo que constitui alimento indispensável à própria vida.

O primeiro teme gastar bagatelas e arroja-se à enfermidade e à fome. O segundo teme difundir os conhecimentos superiores de que se enriquece e suscita a incompreensão, ao redor dos próprios passos.

O sovina da riqueza física encarcera-se no egoísmo. O sovina das bênçãos da alma gera a estagnação onde se encontra, envolvendo-se ele mesmo em nevoeiro perturbador.

Ainda que não possuas dinheiro com que atender às necessidades do próximo, não olvides o tesouro de dons espirituais que o Senhor te situou no cerne da própria alma.

Auxilia sempre.

Mais se faz útil quem mais se dedica aos semelhantes amparando-lhes a vida.

As casas bancárias e as bolsas repletas podem guardar a fria correção dos números sem consciência, mas o coração daquele que ama é sol a benefício das criaturas, convertendo a dificuldade e a dor, a desventura e a escassez em recursos prodigiosos, destinados à humana sustentação.

Emmanuel

5 - CIÚME

" Inveja e ciúme!

Felizes os que não conhecem esses dois vermes vorazes. Com a inveja e o ciúme não há calma, não há repouso possível. Para aquele que sofre desses males, os objetos da sua cobiça, do seu ódio e do seu despeito se erguem diante dele como fantasmas que não o deixam em paz e o perseguem até no sono.

O invejoso e o ciumento vivem num estado de febre contínua. É essa uma situação desejável? Não compreendeis que, com essas paixões, o homem cria para si mesmo suplícios voluntários, e que a terra se transforma para ele num verdadeiro inferno?"

(Allan Kardec. O Livro dos Espíritos. Livro Quarto. Capítulo I. Penas e Gozos Terrenos. Parte da resposta à pergunta 933.)

O nosso apego aos objetos e às pessoas tem, no ciúme, uma das suas formas de manifestação. O zelo demasiado, o cuidado excessivo, a valorização descabida aos nossos pertences chegam às raias da preocupação, do desequilíbrio, do desassossego, nas reações do indisfarçável ciúme. É mesmo um estado febril de intranquilidade, que pode nos tirar o sono muitas vezes. O ciúme anda próximo da inveja. Ambos são expressões da cobiça, e se manifestam no nosso desejo de posse ou na nossa condição possessiva, ambiciosa, egoísta.

Quando o ciúme se refere às pessoas do nosso relacionamento, é indício da paixão, do amor ainda condicionante, dominante, restritivo, exclusivista.

Ninguém em verdade pertence a outrem. Alguns pares, no entanto, podem desenvolver laços afetivos que os liguem a compromissos ou a tarefas comuns, como entre cônjuges, por exemplo, assumindo responsabilidades a dois, num desejável clima de compreensão, tolerância e respeito mútuo.

Os suplícios ou tormentos muitas vezes são criados voluntariamente, quando começamos a exigir, a cobrar do outro, o que achamos ser de sua obrigação: o ciúme impõe condições. É assim que quase sempre se origina a inconformação, o desespero, o desentendimento entre casais. Respeito e liberdade, de ambas as partes, na confiança que edifica, e fortalece, aprofunda a amizade para muito além dos limites de uma paixão, tudo isso pela admiração construtiva, mútua, que estimula o bem proceder e amplia o reconhecimento dos valores individuais dos dois. Quantos ciúmes doentios não geram desconfianças e desarmonias desnecessárias?

Por que vamos, então, transformar nossa vida num verdadeiro inferno? Procuremos serenamente indagar o porquê dos nossos ciúmes. Com que sentido nos deixamos envolver por eles? Será por carência, ou por insegurança? Por apego ou desespero? Localizemos as causas do aparecimento desse fantasma que é o ciúme. Fantasma criado pela nossa imaginação, que pode estar mal informada ou até deformada, e que precisa ser realimentada com a confiança, a fé, o otimismo, a esperança, a alegria, a dedicação e o desprendimento, para sermos felizes em profundidade, gerando felicidade e bem-estar em volta de nós.

Ney Prieto Peres

6 - CÓLERA,

IRA

A CÓLERA

UM ESPÍRITO PROTETOR - Bordeaux, 1863

9. O orgulho vos leva a vos julgardes mais do que sois, a não aceitar uma comparação, que vos possa rebaixar, e a vos considerardes, ao contrário, de tal maneira acima de vossos irmãos, seja na finura de espírito, seja no tocante à posição social, seja ainda em relação às vantagens pessoais, que o menor paralelo vos irrita e vos fere. E o que acontece, então? Entregai-vos à cólera.

Procurai a origem desses acessos de demência passageira, que vos assemelham aos brutos, fazendo-vos perder o sangue-frio e a razão; procurai-a, e encontrareis quase sempre por base o orgulho ferido. Não é acaso o orgulho ferido por uma contradita, que vos faz repelir as observações justas e rejeitar, encolerizados, os mais sábios conselhos? Até mesmo a impaciência, causada pelas contrariedades, em geral pueris, decorre da importância atribuída à personalidade, perante a qual julgais que todos devem curvar-se.

No seu frenesi, o homem colérico se volta contra tudo, à própria natureza bruta, aos objetos inanimados, que espedaça, por não lhe obedecerem. Ah! se nesses momentos ele pudesse ver-se a sangue-frio, teria horror de si mesmo ou se reconheceria ridículo! Que julgue por isso a impressão que deve causar aos outros. Ao menos pelo respeito a si mesmo, deveria esforçar-se, pois, para vencer essa tendência que o torna digno de piedade.

Se pudesse pensar que a cólera nada resolve, que lhe altera a saúde, compromete a sua própria vida, veria que é ele mesmo a sua primeira vítima. Mas ainda há outra consideração que o deveria deter: o pensamento de que torna Infelizes todos os que o cercam. Se tem coração, não sentirá

remorsos por fazer sofrer as criaturas que mais ama? E que mágoa mortal não sentiria se, num acesso do arrebatamento, cometesse um ato de que teria de recriminar-se por toda a vida!

Em suma: a cólera não exclui certas qualidades do coração, mas impede que se faça muito bem, e pode levar a fazer muito mal. Isto deve ser suficiente para incitar os esforços por dominá-la. O espírito, aliás, é incitado por outro motivo: o de que ela é contrária à caridade e à humildade cristãs.

[HAHNEMANN Paris, 1863](#)

10. Segundo a idéia muito falsa de que não se pode reformar a própria natureza, o homem se julga dispensado de fazer esforços para se corrigir dos defeitos em que se compraz voluntariamente, ou que para isso exigiriam muita perseverança. E assim, por exemplo, que o homem inclinado à cólera se desculpa quase sempre com o seu temperamento. Em vez de se considerar culpado, atribui a falta ao seu organismo, acusando assim a Deus pelos seus próprios defeitos. É ainda uma conseqüência do orgulho, que se encontra mesclado a todas as suas imperfeições.

Não há dúvida que existem temperamentos que se prestam melhor aos atos de violência, como existem músculos mais flexíveis, que melhor se prestam a exercícios físicos. Não penseis, porém, que seja essa a causa fundamental da cólera, e acreditai que um Espírito pacífico, mesmo num corpo bilioso, será sempre pacífico, enquanto um Espírito violento, num corpo linfático, não seria mais dócil. Nesse caso, a violência apenas tomaria outro caráter. Não dispondo de um organismo apropriado à sua manifestação, a cólera seria concentrada, enquanto no caso contrário seria expansiva.

O corpo não dá impulsos de cólera a quem não os tem, como não dá outros vícios. Todas as virtudes e todos os vícios são inerentes ao Espírito. Sem isso, onde estariam o mérito e a responsabilidade? O homem que é

deformado não pode tornar-se direito, porque o Espírito nada tem com isso, mas pode modificar o que se relaciona com o Espírito, quando dispõe de uma vontade firme. A experiência não vos prova, espíritas, até aonde pode ir o poder da vontade, pelas transformações verdadeiramente miraculosas que se operam aos vossos olhos? Dizei, pois, que o homem só permanece vicioso porque o quer, mas que aquele que deseja corrigir-se sempre o pode fazer. De outra maneira, a lei do progresso não existiria para o homem.

ESE - Cap. IX - Allan Kardec

7 - CRUELDADE

O sentimento de crueldade representa o que há de pior no instinto de destruição; porém, é preciso salientar que se a destruição é, por vezes, uma necessidade circunstancial, não significa ser ela um endosso para que a crueldade se manifeste.

Esta é sempre o resultado da má índole de algumas criaturas atrasadas moralmente, preocupadas apenas com seu bem-estar social.

A crueldade se apresenta de forma predominante em povos primitivos, porque para eles a matéria se sobrepõe ao Espírito.

Em decorrência, deixam-se dominar pelos seus instintos selvagens e, por não aspirarem a outras necessidades além das impostas pelo corpo físico, só se interessam pela sua sobrevivência pessoal; conseqüentemente, são presas fáceis do sentimento de crueldade que tanto assola os seres humanos.

Estes povos, por terem ainda pouco desenvolvimento moral, entregam-se à influência de Espíritos igualmente imperfeitos, que se comprazem no sofrimento de suas vítimas. Tal cumplicidade entre os Espíritos e os encarnados será enfraquecida a partir do momento em que povos mais adiantados moralmente venham anular esta influência negativa.

Mas é preciso esclarecer que se a crueldade se manifesta, é tão somente porque o senso moral não está devidamente desenvolvido, mas não que está ausente; porque ele existe, em princípio, em todos os homens; é esse senso moral que os transforma mais tarde em seres bons e humanos. Ele existe no selvagem como o princípio do aroma de uma flor que ainda não se abriu (LE, 754).

Os Espíritos inferiores podem encarnar entre pessoas mais evoluídas, na esperança de progredirem mais depressa, mas geralmente a prova se lhes torna penosa; sua natureza inferior os domina, e por isso tornam-se cruéis para com aqueles que já sabem viver pacificamente. Contudo, sob o imperativo da Lei do Progresso, eles evoluirão gradativamente; aos poucos, as leis humanas, mais e mais centradas nas leis divinas, limitarão a ação dos maus, até que estes se sintam totalmente deslocados.

Assim é que impulsionados pelo mecanismo evolutivo que rege o Universo, os homens de índole cmele renascerão inúmeras vezes, em invólucros cada vez mais de acordo com suas necessidades evolutivas.

Equipe de Ensino FEESP

8 - CUPIDEZ

DA CUPIDEZ AO RESPEITO

A Lei mosaica tanto proibia o adultério (6º mandamento) quanto desejar a mulher do próximo (9º mandamento).

O modo como ambas as proibições eram interpretadas e vividas foi considerado insuficiente por Jesus.

Urgia dar um passo além e encontrar uma maneira de pô-las em prática, de forma mais compatível com a vontade de Deus, no tocante ao relacionamento entre as pessoas de sexos diferentes.

A severidade dos mandamentos não fechava as portas para a [cupidez do coração](#).

Enquanto externamente um indivíduo assumia uma atitude de aparente respeito pela mulher, no seu interior poderia estar dando vazão aos mais perversos pensamentos, dando origem a desejos inconfessos.

É neste nível de profundidade que chega a denúncia de Jesus: o comportamento respeitoso com relação à mulher deve começar no mais íntimo do coração.

Caso contrário, incorre-se em pecado.

Jesus recorreu a duas metáforas para se referir à maneira peremptória com que o discípulo deverá se precaver contra o desrespeito à mulher.

Arrancar o olho direito e cortar a mão direita, quando se tornam ocasião de pecado, tendo em vista salvar o corpo inteiro, é sinal de sabedoria.

Quem tem o coração cheio de cupidez, sem atinar para o fato de estar desagradando a Deus, e não toma as providências cabíveis, corre o risco de ser severamente julgado.

A ética do Reino exige do discípulo um respeito profundo pelas mulheres.

Jaldemir Vitério

9 - EGOÍSMO

Entre todos os vícios, o que os Espíritos consideram mais radical é o egoísmo, pois dele deriva todo o mal. Se estudamos nossos vícios veremos que na origem de todos eles está o egoísmo.

É que ele engendra o orgulho, a ambição, a cupidez, a inveja, o ódio, o ciúme, dos quais a todo momento o homem é vítima; é ele que leva à perturbação, provoca dissensões e destrói a confiança de uns para com outros.

Por mais que se lute contra eles, não se conseguirá diminuí-los, enquanto não se houver destruído a causa.

Quem nesta vida quiser se aproximar da perfeição moral deve extirpar de seu coração todo sentimento de egoísmo, porque é incompatível com a justiça, o amor e a caridade; ele neutraliza todas as outras qualidades (LE 913).

Duas são as maiores causas do egoísmo: a primeira é a influência da matéria da qual o homem ainda não consegue libertar-se. A segunda funda-se na exaltação da personalidade.

Ora, o Espiritismo nos faz ver as coisas de tão alto que o sentimento da personalidade desaparece de alguma forma perante a imensidade (LE 917).

O egoísmo, portanto, só se enfraquecerá com a predominância da vida moral sobre a vida material, e não se chegará a esse ponto se não se atacar o mal pela raiz, ou seja, com a educação.

Não essa educação que tende a fazer homens instruídos, mas a que tende a fazer homens de bem. A educação, se for bem compreendida será a chave do progresso moral (LE, 917).

Não basta a ciência, não basta a arte de manejar a inteligência, se não se souber endireitar caracteres. Que se faça pela moral tanto quanto se faz pela ciência, só assim o egoísmo deixará de ser a fonte de vícios, e a caridade, por sua vez, manifestar-se-á como a fonte de todas as virtudes.

Equipe de Ensino

10 - GANÂNCIA

POLUIÇÃO E PSICOSFERA

Ecólogos de todo o mundo preocupam-se, na atualidade, com a poluição devastadora, que resulta dos detritos superlativos que são atirados nos oceanos, nos rios, lagos e "terras inúteis" circunjacentes às grandes metrópoles, como o tributo pago pelo conforto e pelas conquistas tecnológicas, desde os urgentes ingredientes e artefatos para a sobrevivência, às indústrias bélicas, às de explorações novas, às "de inutilidade" que atiram centenas de milhões de toneladas de lixo, óleos e resíduos em todo lugar.

Além dessas, convém recordarmos a de natureza sonora, dos centros urbanos, produzindo distonias graves e contínuas ...

Os mais pessimistas, porém, prevêm a possível destruição da vida vegetal, animal e hominal como efeito dos excessivos restos produzidos pelos engenhos de que o homem se utiliza, e logo o esmagarão após transformar a Terra num caos ...

Mais grave, demonstram os técnicos no assunto importante, é a poluição atmosférica, graças às substâncias venenosas que são expelidas pelas fábricas em forma de resíduos, pelos motores de explosão a se multiplicarem fantástica, insaciavelmente, e os inseticidas usados para a agricultura ...

Voluptuoso e desconsertado por desvarios múltiplos do homem, as máquinas avançam, dirigidas pela inconcebível [ganância](#), desbastando reservas florestais e influenciando climatericamente com transformações penosas nas regiões, então, vencidas ...

O espectro de calamidades não imaginadas ronda e domina com segurança muitos departamentos ambientais ora reduzidos à aridez ...

Cifras assustadoras denotam o quanto se desperdiça na inutilidade - embora a elevada estatística chocante dos que se estorcegam na mais ínfima miséria, rebolando-se na coleta dos montes de lixo, à cata de destroços de que possam retirar o mínimo para sobreviver! - comprovando que no galvanizar das paixões, o homem moderno, à semelhança de Narciso, continua a contemplar a imagem refletida nas águas perigosas da vaidade e do egoísmo em que logo poderá asfixiar-se, inerte ou desesperado. No entanto, irrefletido, impõe-se exigências dispensáveis, a que se escraviza, complicando a própria e a situação dos demais usuários dos recursos da generosa mãe-Terra.

Nesse panorama deprimente, e para sanar alguns dos males imediatos e outros do futuro, sugestões e programas têm surgido preocupando as autoridades responsáveis pelos Organismos Mundiais, no sentido de serem tomadas providências coletivas e salvadoras urgentes. Algumas já estão sendo postas em prática, embora em número reduzido, tais o reflorestamento; a ausência de tráfego com motores de explosão em algumas cidades uma vez por semana; a tentativa da industrialização do lixo, com aproveitamento de energia, adubos e outros; controle no uso de pesticidas na lavoura; técnicas não poluentes com o fim de gerar energia; as áreas verdes nas cidades; a segurança por meio de controle das experiências nucleares, a fim de ser evitada a contaminação ...

Afirma-se que por onde o homem e a civilização passam ficam os sinais danosos da sua jornada, em forma de aridez, destruição e morte.

As grandes Nações, materialmente estruturadas e guindadas ao ápice pela previsão futura lógica de mentes e computadores que prometiam tudo resolver, fazendo soberbas e vãs as criaturas, foram surpreendidas, há pouco, pelas conseqüências gerais da própria impetuosidade, no resultado da guerra no Oriente Médio, fazendo-as parar e modificando, em muitas delas, as estruturas e programas, previsões e soberania pelas exigências do deus petróleo em que estabeleceram as bases do seu poderio e das suas glórias, decepcionadas, atônitas ...

Algumas tiveram a economia abalada, padecendo crises que resultaram do gravame geral, modificando a política interna e externa, num atestado de nulidade quanto aos compromissos humanos assumidos, à segurança e precariedade das humanas forças.

Como resultado, apressam-se as negociações internacionais por acordos diplomáticos e conchavos político-econômicos, enquanto a fome, campeando desassombadamente, confirma a falência dos cálculos e das

fantasias materialistas, visivelmente perturbadas no testemunho dos seus líderes em convulsas transações com que tentam reequilibrar o poderio avassalado, quando não, perdido ...

O poder de um dia, qual efêmera glória, sempre muda de mão e local, fazendo oscilarem, mudarem de rumo os interesses e as supostas proteções, fruto, indubitavelmente, de uma poluição descuidada - a de natureza moral!

A força e a grandeza de alguns povos até há pouco mandatários da Terra cederam lugar aos potentados reais, que se demoravam desconsiderados e as exigências da fome ameaçadora e voraz os situou como as legítimas potências que são disputadas, após o deus negro: o arroz, o trigo, o milho e o sorgo, cujos celeiros, quase vazios no mundo, deles necessitam com urgência para a sobrevivência dos seres.

Todavia, o homem ingere e disparte mais terrível poluição, venenosa quão irrefreável graças ao cultivo de lamentáveis atitudes em que persevera e se compraz: referimo-nos à poluição mental que interfere na ecologia psicoférica da vida inteligente, intoxicando de dentro para fora e desarticulando de fora para dentro.

Estando a Terra vitimada pelo entrechoque de vibrações, ondas e mentes em desalinho, como decorrência do desamor, das ambições desenfreadas, dos ódios sistemáticos, as funestas conseqüências se fazem presentes não apenas nas guerras externas e destrutivas, mas também nas rudes batalhas no lar, na família, no trabalho, nas ruas da comunidade, no comportamento. Intoxicado pela ira, vencido pelo desespero que agasalha, foge na direção dos prazeres selvagens nos quais procura relaxar tensões, adquirindo mais altas cargas de desequilíbrio em que se debate.

A poluição mental campeia livre, favorecendo o desbordar daquela de natureza moral, fator primacial para as outras que são visíveis e assustadoras.

O programa, no entanto, para o saneamento de tão perigoso estado de coisas, já foi proposto por Jesus, o Sublime Ecólogo que em a Natureza, preservando-a, abençoando-a, dela se utilizou, apresentando os métodos e técnicas da felicidade, da sobrevivência ditosa nos incomparáveis discursos e realizações de que inundou a História, estabelecendo as bases para o reino de amor e harmonia, sem fim, sem dores, sem apreensões ...

Nunca reagiu o Mestre - sempre agiu com sabedoria. Jamais se permitiu ferir - deixou-se, porém, crucificar.

Nenhuma agressão de Sua parte - facultou-se, no entanto, ser agredido.

Por onde passou, deixou concessões de esperança, bálsamo de reconforto, amenidade e paz. Seus caminhos ficaram floridos pelas alegrias e abençoados pelos frutos da saúde renovada.

Rei Solar, fez-se servo humilde de todos, mantendo-se inatingido, embora o ambiente em que veio construir a Vida Nova para os tempos futuros ...

Repassa-Lhe a sublime trajetória. Busca-O!

Faze uma pausa na terrível conjuntura em que te encontras e recorda-O.

Para toda enfermidade, Ele tem a eficiente terapia; para as calamidades destes dias, Ele tem a solução.

Ama e serve, portanto, como possas, quanto possas, quando possas.

A Terra sairá do caos que a absorve e voltarão o ar puro, a água cristalina, a relva repousante, o trinar dos pássaros, o fulgor do sol e o faiscar das

estrelas em nome do Pai Criador e de Jesus, o Salvador Perene de todos nós.

JOANNA DE ÂNGELIS

11 - IMORALIDADE

1 - A Coerência do Comportamento

Valores como a honestidade, a decência, a compostura e naturalmente que a plena identificação deles com as crenças que dizemos defender, revelam a coerência no comportamento social. Como conciliar atitudes indecorosas, violentas ou de atentado aos bons costumes em homens e mulheres que se dizem cristãos?

Sim, imagine o leitor um cidadão – seja qual for a religião a que se filie – que age em discordância com os ensinamentos que diz seguir. Existe aí uma grande incoerência entre o que "prega" e o que vive. Por sua vez, as religiões não podem responder pelo comportamento de seus seguidores. Todo comportamento contrário aos ensinamentos da religião, da moral, deve ser creditado à insânia humana que insiste em burlar a própria consciência.

Vários exemplos podem ser citados:

- a) Bêbados que fazem arruaças e responsabilizam o governo ou justificam-se reclamando da sorte;
- b) Violências de toda ordem, espancamentos em casa, traições conjugais ou gritos incontroláveis, levados a conta de gênio ruim;
- c) Desordens sociais, roubos e vandalismos considerados como meros divertimentos.

Na verdade, nada é falta de sorte, culpa do governo ou de quem quer que seja. Age-se dessa ou daquela forma porque se permite a si mesmo adotar este ou aquele comportamento. Nada justifica um gesto de violência, de desrespeito ou de **imoralidade** senão a própria decisão individual marcada de desequilíbrio.

É comum, por exemplo, alguém justificar um comportamento agressivo e incontrolável por conta de suposta influência de espíritos, responsabilizando-os por atos desrespeitosos e anti-sociais. Ora, isso não existe! Pode acontecer momentaneamente, mas o domínio do próprio comportamento pertence a cada um. Os espíritos são os homens – antes de virem ao mundo ou depois de partirem dele – e conservam, portanto, suas qualidades ou defeitos morais. Podem ser sábios ou ignorantes, bons ou mal intencionados, mas todos são senhores da própria vontade. Quem se deixa levar a atitudes agressivas, a atos desrespeitosos, imorais, prova por si só que é ele mesmo agressivo, imoral, desrespeitoso. Justificar o próprio comportamento à conta da presença de espíritos é atitude de fuga que não condiz à própria realidade individual.

A Doutrina Espírita não tem qualquer responsabilidade sobre atitudes de supostos médiuns ou pseudo-espíritas desconhecedores da proposta essencial do Espiritismo: a renovação moral do ser humano. O espírita sincero é aquele que preocupa-se em melhorar a si mesmo. É alguém em luta consigo mesmo para aperfeiçoar-se, melhorar o comportamento e agir coerentemente com o Evangelho de Jesus, base da Doutrina Espírita. O espírita, como qualquer outro cidadão, é homem comum, que reconhece os próprios limites e sabe que tem o dever de progredir moralmente e trabalhar para um ambiente melhor no planeta.

Orson Peter Carrara

2 - Os Cretinos - (Sociedade Espírita de Paris. - Méd. Senhora Costel.)

Nossa colega, a senhora Costel, tendo ido fazer uma excursão na parte dos Alpes onde o cretinismo parece ter estabelecido um de seus principais focos, ali recebeu de um de seus Espíritos habituais, a comunicação seguinte:

- Os cretinos são seres punidos sobre a Terra pelo mau uso que fizeram de poderosas faculdades; sua alma está aprisionada num corpo, cujos órgãos, impossibilitados, não podem expelir seus pensamentos; esse mutismo moral e físico é uma das mais cruéis punições terrestres; freqüentemente, ela é escolhida pelos Espíritos arrependidos que querem resgatar as suas faltas. Essa prova não é estéril, porque o Espírito não permanece estacionário em sua prisão de carne; seus olhos bestificados vêem, seu cérebro deprimido concebe, mas nada pode se traduzir, nem pela palavra nem pelo olhar, e, salvo o movimento, estão moralmente no estado dos letárgicos e dos catalépticos, que vêem e ouvem o que se passa ao redor deles, sem poderem exprimi-lo. Quando tendes em sonho esses terríveis pesadelos, onde desejais fugir de um perigo, em que soltais gritos para chamar por socorro, ao passo que a vossa língua permanece presa ao céu da boca, e os vossos pés ao solo, experimentais um instante o que o cretino sente sempre: paralisia do corpo unida à vida do Espírito.

Quase todas as enfermidade têm, assim, sua razão de ser; nada se faz sem causa, o que chamais a injustiça da sorte é a aplicação da mais alta justiça. A loucura é também uma punição do abuso de altas faculdades; o louco tem duas personalidades: a que extravasa e a que tem a consciência de seus atos, sem poder dirigi-los. Quanto aos cretinos, a vida contemplativa e isolada de sua alma, que não tem a distração do corpo, pode sertão agitada quanto as existências mais complicadas pelos acontecimentos; alguns se revoltam contra o seu suplício voluntário; lamentam tê-lo escolhido e sentem um desejo furioso de retornar à outra vida, desejo que lhes faz esquecer a resignação à vida presente, e o remorso da vida passada, da qual têm a

consciência, porque os cretinos e os loucos sabem mais do que vós, e sob a sua impossibilidade física, se esconde uma poderosa moral da qual não tendes nenhuma idéia. Os atos de furor, ou de imbecilidade aos quais seu corpo se entrega, são julgados pelo ser interior que os sofre e coram por eles. Assim, zombá-los, injuriá-los, maltratá-los mesmo, com se faz algumas vezes, é aumentar seus sofrimentos, porque é fazê-los sentir mais duramente sua fraqueza e sua abjeção, e se eles pudessem, acusariam de covardia aqueles que não agem desse modo senão porque sabem que sua vítima não pode defender-se.

O cretinismo não é uma das leis de Deus, e a ciência pode fazê-lo desaparecer, porque é o resultado material da ignorância, da miséria e da **imoralidade**. Os novos meios de higiene que a ciência, tornada mais prática, pôs ao alcance de todos, tendem a destruí-lo. Sendo o progresso a condição expressa da Humanidade, as provas impostas se modificarão e seguirão a marcha dos séculos; tornar-se-ão todas morais, e quando a vossa Terra, jovem ainda, tiver cumprido todas as fases de sua existência, tornar-se-á uma morada de felicidade, como outros planetas mais avançados.

Pierre JOUTY, pai do médium.

Dissertações espíritas - Revista Espírita, outubro de 1861

Nota. Houve um tempo em que se pôs em discussão a alma dos cretinos e se perguntava se eles, verdadeiramente, pertenciam à espécie humana. A maneira pela qual o Espiritismo faz encará-los não é de uma alta moralidade e de um grande ensinamento? Não há matéria para sérias reflexões, pensando que esses corpos desfavorecidos encerram almas que talvez brilharam no mundo, que são tão lúcidas e tão pensantes quanto as nossas sob o espesso envoltório que lhes abafa as manifestações, e que poderá

ocorrer o mesmo, um dia, conosco, se abusarmos das faculdades que nos distribui a Providência?

Além do mais, como o cretinismo poderia se explicar; como fazê-lo concordar com a justiça e a bondade de Deus, sem admitir a pluralidade das existências, de outro modo dito, a reencarnação? Se a alma já não viveu, é que é criada ao mesmo tempo que o corpo; nesta hipótese, como justificar a criação de almas tão deserdadas como as dos cretinos da parte de um Deus justo e bom? Porque aqui não se trata de um desses acidentes, como a loucura, por exemplo, que se pode ou prevenir ou curar; esses seres nascem e morrem no mesmo estado; não tendo nenhuma noção do bem e do mal, qual é a sua sorte na eternidade? Serão felizes como homens inteligentes e trabalhadores? Mas por que esse favor, uma vez que não fizeram nada de bem? Estarão naquilo que se chamam os limbos, quer dizer, num estado misto que não é nem a felicidade nem a infelicidade? Mas, por que essa inferioridade eterna? A falta é sua se Deus os criou cretinos? Desafiamos todos aqueles que repelem a doutrina da reencarnação a saírem deste impasse. Com a reencarnação, ao contrário, o que parece uma injustiça torna-se uma admirável justiça; o que é inexplicável, se explica da maneira mais racional. De resto, não sabemos que aqueles que repelem esta doutrina, a tenham jamais combatido com argumentos mais peremptórios, do que aquele de sua repugnância pessoal em retornar sobre a Terra. Estão, pois, muito seguro de terem bastantes virtudes para ganhar o céu de uma só vez! Nós lhes desejamos boa chance. Mas os cretinos? Mas as crianças que morrem em tenra idade? Quais títulos terão para fazerem valer?

12 - INFLUÊNCIAS



Um pensador famoso já alertava que "uma falta jamais seria cometida, se o faltoso soubesse estar sendo observado pela pessoa que mais respeitasse". Ninguém melhor que o espírita consciente para conhecer esta profunda verdade, já que os Espíritos a tudo observam por estarem permanentemente em todo o derredor. E não se trata de um só ou dois. São inúmeros os Espíritos que acompanham o cotidiano dos homens; uma quantidade que se assemelha à multidão das mais movimentadas ruas de uma cidade.

Qual acontece com o indivíduo quando percorre uma via pública, eles, os Espíritos, só se sentem atraídos por aquilo que lhes interessa. Quando o homem transita na multidão, tem sua atenção voltada somente para certos aspectos, como por exemplo, as instruções do guarda de trânsito, os vendedores ambulantes, um rosto preocupado, uma pessoa bem vestida, outra maltrapilha, os sinais do semáforo, os luminosos ou as vitrines. O mesmo ocorre com os Espíritos: apesar das centenas que se agrupam, não vê cada um senão aquelas coisas a que dirige sua atenção, porque eles não se ocupam das que não lhes interessam (LE, perg. 456).

Há, porém, uma diferença entre o homem na via pública, e os Espíritos no cotidiano: é que o homem, como encarnado, só observa o que está ao alcance da vista; não consegue penetrar no íntimo das criaturas; os Espíritos, entretanto, podem penetrar fundo nos pensamentos, por mais secretos que sejam. Conhecem, muitas vezes, aquilo que o homem deseja ocultar a si mesmo. Nem atos, nem pensamentos podem ser dissimulados para eles (LE, perg. 457); não adianta tentar mentir ou dissimular fraquezas e intenções. A linguagem dos Espíritos é o pensamento: basta que se emita um pensamento para que ele alcance um Espírito afim ao pensamento emitido.

Os Espíritos levianos juntam-se às ilusões dos encarnados e preparam-lhes verdadeiras armadilhas; isso os leva a divertirem-se às custas dos menos avisados. Já Espíritos sérios, tais como os protetores e amigos, preocupam-se com a segurança dos que lhes são caros, lamentam suas trapalhadas e o mau uso do livre-arbítrio, e por isso procuram sempre auxiliá-los.

A influência dos Espíritos sobre os pensamentos interferem nas decisões de muitas criaturas, tanto no sentido negativo como no positivo. A alma do encarnado é também um Espírito que pensa. Cumpre atentar para os pensamentos contraditórios que ocorrem sobre um mesmo assunto. Porém, grande é a dificuldade de diferenciar os pensamentos próprios dos que são sugeridos. Os pensamentos próprios são, em geral, os que ocorrem no primeiro impulso (LE, perg. 461). Se forem na direção do bem, idéias boas virão somar-se e fortalecê-las. Se ao contrário, forem na direção do mal, sugestões das sombras é que prevalecerão, avolumando-se-lhes as conseqüências negativas; nisto consiste o "orai e vigiai" a que se referiu Jesus.

Periodicamente, Espíritos dotados de maior discernimento e inteligência encarnam com idéias próprias, trazendo descobertas científicas e mensagens evangélicas em benefício da humanidade. No entanto, quando eles não as encontram em si mesmos, apelam para a inspiração, o que em última análise é uma evocação que jazem sem o suspeitar. (LE, perg. 462)

Não é seguro afirmar que o primeiro impulso é sempre bom. Ele é bom ou mau, segundo a natureza do Espírito encarnado. É sempre bom para aquele que ouve as boas inspirações (LE, perg. 463). Já no caso de Espíritos cuja influência é repetida pela vontade do encarnado, renunciam às suas tentativas, pois que nada mais têm a fazer ali.

O recurso infalível para se neutralizar a influência dos maus Espíritos e fazer o bem, colocar toda confiança em Deus, guardar-se de ouvir

sugestões que possam dar guarida a maus pensamentos, que insuflam a discórdia e que excitam as paixões. É preciso desconfiar sempre de todos apelos que exaltem o orgulho, porque as forças do mal se prevalecem das fraquezas humanas para exercer o seu domínio.

Quando alguém se sente atribulado por um estado de angústia ou de ansiedade indefinível, ou mesmo de uma insatisfação interior sem causa conhecida, quer no estado de vigília, quer durante o sono, freqüentemente essa situação é conseqüência de contatos involuntários ou mesmo inconscientes com Espíritos imperfeitos, devido a circunstâncias criadas pelo próprio indivíduo.

A recomendação, portanto, é de se criar quotidianamente hábitos sadios para que eles inspirem permanentemente reações de paz, tranqüilidade, ponderação, segurança e amor. Eis por que, em todas as circunstâncias, é imprescindível reconhecer o valor da prece e da conversação edificante, para se ter a influência de bons Espíritos.

13 - INGRATIDÃO

A **ingratidão** - chaga pestífera que um dia há de desaparecer da Terra - tem suas nascentes no egoísmo, que é o remanescente mais vil da natureza animal, lamentavelmente persistindo na Humanidade.

A ingratidão sob qualquer forma considerada expressa o primarismo espiritual de quem a carrega, produzindo incoercível mal-estar onde se apresenta.

O ingrato, isto é, aquele que retribui o bem pelo mal, a generosidade pela avareza, a simpatia pela aversão, o acolhimento pela repulsa, a bondade

pela soberba é sempre um atormentado que esparze insatisfação, martirizando quantos o acolhem e socorrem.

O homem vitimado pela ingratidão supõe tudo merecer e nada retribuir, falsamente acreditando ser credor de deveres do próximo para consigo, sem qualquer compensação de sua parte.

Estulto, desdenha os benefícios recolhidos a fim de exigir novas contribuições que a própria insânia desconsidera. E arrogante e mesquinho porque padece atrofia dos sentimentos, transitando nas faixas da semiconsciência e da irresponsabilidade.

Sendo a ingratidão, no seu sentido genérico, detestável nódoa moral, a dos filhos para com os pais assume proporções relevantes, desde que se torna hediondo ato de rebeldia contra a Criação Divina.

O filho ingrato é dilacerador do coração dos pais, ímpio verdugo que se não comove com as doloridas lágrimas maternas nem com as angústias somadas e penosas do sentimento paterno.

Com a desagregação da família, que se observa generalizada na atualidade, a ingratidão dos filhos torna-se responsável pela presença de vários cânceres morais, no combalido organismo social, cuja terapia se apresenta complexa e difícil.

Sem dúvida, muitos pais, despreparados para o ministério que defrontam em relação à prole, cometem erros graves, que influem consideravelmente no comportamento dos filhos, que, a seu turno, logo podem, se rebelam contra estes, crucificando-os nas traves ásperas da ingratidão, da rebeldia e da agressividade contínua, culminando, não raro, em cenas de pugilato e vergonha.

Muitos progenitores, igualmente, imaturos ou versáteis, que transitam no corpo açulados pelo tormento de prazeres incessantes - que os fazem

esquecer as responsabilidades junto aos filhos para os entregarem aos servos remunerados, enquanto se corrompem na leviandade -, respondem pelo desequilíbrio e desajuste da prole, na desenfreada competição da utópica e moderna sociedade.

Todavia, filhos há que receberam dos genitores as mais prolíferas demonstrações e testemunhos de sacrifício e carinho, aspirando a um clima de paz, de saúde moral, de equilíbrio doméstico, nutridos pelo amor sem fraude e pela abnegação sem fingimentos, e revelam-se, de cedo, frios, exigentes e ingratos.

Se diante de pais irresponsáveis a ingratidão dos filhos jamais se justifica ou procede, a proporcionada por aqueles que tudo recebem e tudo negam, somente encontra explicação na reminiscência dos desajustes pretéritos dos Espíritos, que, não obstante reunidos outra vez para recuperarem-se, avivam as animosidades que ressumam do inconsciente e se corporificam em forma de antipatia e aversão, impelindo-os à ingratidão que os atira às rampas inditasas do ódio dissolvente.

A família é abençoada escola de educação moral e espiritual, oficina santificante onde se lapidam caracteres, laboratório superior em que se caldeiam sentimentos, estruturam aspirações, refinam ideais, transformam mazelas antigas em possibilidades preciosas para a elaboração de misteres edificantes.

O lar, em razão disso, mesmo quando assinalado pelas dores decorrentes do aprimorar das arestas dos que o constituem, é forja purificadora onde se devem trabalhar as bases seguras da Humanidade de todos os tempos.

Quando o lar se estiola e a família se desorganiza a Sociedade combale e estertora.

De nobre significação, a família não são apenas os que se amam, através dos vínculos da consangüinidade, mas, também, da tolerância e solidariedade que se devem doar os equilibrados e afáveis aos que constituem os elos fracos, perturbadores e em deperecimento no clã doméstico.

Aos pais cabem sempre os deveres impostergáveis de amar e entender até o sacrifício os filhos que lhes chegam pelas vias sacrossantas da reencarnação, educando-os e depondo-lhes nas almas as sementes férteis da fé, das responsabilidades, instruindo-os e neles inculcando a necessidade da busca de elevação e felicidade. O que decorra serão conseqüências do estado moral de cada um, que lhes não cabem prever, rezear ou sofrer por antecipação pessimista.

Aos filhos compete amar aos pais, mesmo quando negligentes ou irresponsáveis, porquanto é do código Superior da Vida o impositivo: "Honrar pai e mãe", sem excluir os que o são apenas por função biológica, assim mesmo, por cujo intermédio a Excelsa Sabedoria programa necessárias provas redentoras e pungitivas expiações liberativas.

Ante o filho ingrato, seja qual for a situação em que se encontre, guarda piedade para com ele e dá-lhe mais amor ..

Agressivo e calceta, exigente e impiedoso, transformado em inimigo insensível quão odioso, oferta, ainda, paciência e mais amor. ..

Se te falarem sobre recalques que ele traz da infância, em complexos que procedem desta ou daquela circunstância, em efeito da libido tormentosa com que os simplistas e descuidados pretendem excusá-lo, culpando-te, recorda, em silêncio, de que o ~spírito precede ao berço, trazendo gravados nas tecelagens sutis da própria estrutura gravames e conquistas, elevação e delinqüência, podendo, então, melhor compreendê-lo, mais ajudá-lo, desculpá-lo com eficiência e socorrê-lo com probidade prosseguindo ao seu

lado sem mágoa e encorajado no programa com a família inditosa e os filhos ingratos, resgatando pelo sofrimento e amor os teus próprios erros, até o dia em que, redimido, possas reorganizar o lar feliz a que aspiras.

Joanna de Ângelis

14 - INJUSTIÇA

A **injustiça** experimentada foi semelhante ao gume afiado que retalhou os tecidos sutis do Espírito, deixando escombros nos painéis da esperança onde antes se desenhavam edificações nobilitantes.

O veneno da calúnia, logo alcançou o teu coração, deu início à ação nefanda da destruição, lobrigando atingir os melhores propósitos que acalentavas, produzindo o inenarrável prejuízo da desmoralização em tomo dos elevados programas de santificação.

O abandono a que te relegaram pode ser comparado ao desprezo a que se atirasse uma plântula débil mas cheia de vitalidade, que as intempéries, os insetos e a erva daninha se encarregariam de destruir, tal é a situação em que agora te achas ante as circunstâncias várias que poderiam aniquilar-te ...

O ciúme ferino produziu o câncer da suspeita, conduzindo os sonhos de tua esperança à condição de pesadelo ultriz, que agora se converte em enfermidade demorada, a corroer-te interiormente.

A malquerença acercou-se da porta do teu lar, e de convidada, pela negligência da família, tomou-se residente e senhora da casa, aliciando a leviandade generalizada à infeliz peleja em que todos se atiram, inimigos gratuitos que se transformaram entre si.

Quantas outras experiências anotas, como resultado das lutas que vens travando nas províncias do mundo íntimo!

Acumulas a borra do desânimo e destilas o ácido da amargura logo és convidado a programas novos.

Relegas a Religião a plano secundário e apoquentas-te por nonadas, infeliz, desesperançado.

Tudo parece sombrio, desanimador, ao teu lado. Retempera as experiências com os condimentos do otimismo e as poções da prece bem urdida na emoção reajustada.

Modificar-se-ão as concepções, aragem agradável perfumada pelo aroma da paz produzirá harmonia íntima, e constatarás que tudo está nas mãos de Deus e a Ele debes entregar problemas e aflições fazendo, porém, a tua parte a benefício próprio.

Não te aferres, desse modo, aos incidentes lamentáveis da jornada evolutiva.

Problema é teste à aprendizagem moral e dor significa exame em face às conquistas do Espírito.

Assim, liberta-te dos que te escravizaram, com os seus atos, à angustia que teima por dilacerar-te, abre os braços no rumo do amanhã e avança tranqüilo.

Jesus não é apenas oportunidade redentora, representa, também, lição viva que não pode ser desconsiderada.

A via-láctea, serena, bordada de bilhões de astros, gravita sob a segura diretriz das mãos de Deus. O carvão, transformando-se paulatinamente através dos milênios em diamante que luzirá claridades coruscantes, segue o esquema das mãos de Deus.

A vida infinitesimal que pulsa na molécula e o impulso que aciona o elétron encontram-se submetidos às seguras linhas, inabordáveis, tracejadas pelas mãos de Deus.

O destino do homem é a perfeição, seu fanal é a glória imarcescível.

As lutas que apequenam os fracos, ajudam-nos a adquirir força para conquistas outras e desdobram as possibilidades no forte agigantando-o para o futuro.

Quando os amigos a abandonaram, experimentando inenarrável soledade; à hora em que todos os Seus ditos foram deturpados; face à constrição decorrente da fuga dos beneficiários dos Seus atos; diante do azedume de uns e da impiedade de quase todos; nas sombras da obsessão coletiva que àquela hora campeava triunfalmente, contemplou todos e repassou pela memória atos e palavras, culminando por ensinar a mais preciosa lição no instante mais grave: - entregou-se às mãos de Deus e permaneceu confiante até o fim.

Joanna de Ângelis

Sócrates:

Não se deve nunca retribuir a injustiça com a injustiça nem fazer mal a ninguém, qualquer que seja o mal que nos tenham feito. Poucas pessoas, entretanto, admitem esse princípio, e as que não concordam com ele só podem desprezar-se umas às outras.

15 - INTOLERÂNCIA

Manifesta-se geralmente no indivíduo intransigente. Não tolera faltas alheias e vive reclamando obrigações dos outros.

Quando em funções de mando é por demais severo, repreendendo severamente o subalterno.

É muito rígido em suas determinações, e apegado ao desejo de que as coisas, o mundo, as pessoas fossem qual ele gostaria que fossem. O senso de análise e de crítica neste tipo de pessoa é muito forte. Sofre porque não perdoa as falhas humanas; falta-lhe a moderação nas apreciações para com o próximo.

COMO SUPERAR

O verdadeiro caráter da caridade é a modéstia e a humildade, e consiste em não se ver superficialmente os defeitos alheios, mas em se procurar salientar o que há de bom e virtuoso no próximo. (ESE, Cap. XVII, item 18)

Precisamos romper em nós as algemas do apego à imagem que idealizamos com relação ao mundo e às pessoas. Não podemos pretender exigir de outrem aquilo que ele não pode nos oferecer. Importa aceitar e respeitar as criaturas mesmo dentro de suas limitações, mesmo quando corrompidas, criminosas ou viciadas. O amor universal a que a verdadeira caridade nos convida, consiste em viver o amor em si mesmo, independente de preconceitos ou discriminações.

Aquele que só é justo com os bons, generoso com os pródigos, misericordioso com os mansos, não é nem justo, nem generoso, nem misericordioso. Tampouco é tolerante aquele que só o é com as pessoas boas. Se a tolerância é uma virtude, ela vale por si mesma, e sobretudo para com as pessoas mais difíceis. Virtude que discrimina, não o é.

Tolerar consiste em não exigir, compreender e respeitar as condições ou limitações das pessoas. Mais do que isso, tolerar não é suportar, mas

encarar a todos com o pressuposto de que possuem uma essência espiritual, e enquanto tal são necessariamente dotadas de bons sentimentos, e com infinitas potencialidades latentes a serem manifestas.

Ser tolerante consiste, portanto, em eliminar a intransigência em nossas análises críticas em relação ao próximo; evitar comentários desairosos; afastar sentimentos de mágoa ou inconformação por algo contrário à nossa vontade.

Sede indulgentes, meus amigos, porque a indulgência atrai, acalma, corrige, enquanto o rigor desalenta, afasta e irrita. (E.5.E., Cap. X, item 16).

Tolerar não consiste, porém, em desprezar o rigor e a disciplina, mas antes desvincular a exigência de rigor do eu pessoal. Geralmente não toleramos nada que possa contrariar a vontade do Eu. No entanto, ser tolerante consiste justamente em libertar-se das amarras do querer pessoal, do querer para si, do satisfazer a si mesmo. Tolerar é aceitar o outro como é, sem esperar ou exigir que seja como idealizamos. Severidade exagerada, austeridade, são excessos que revelam autoritarismo sobre o próximo e não amor compreensivo. Por isso, por vezes os tiranos são os mais respeitados, mas também os mais odiados. A tolerância só o é quando por renúncia a si mesmo.

Por outro lado, todos seríamos muito mais tolerantes e indulgentes com os demais, se considerássemos quanta tolerância e indulgência necessitamos. Somos todos portadores de erros e fraquezas; perdoemo-nos reciprocamente nossos defeitos, é esta a lei que recomenda um amor universal. Por isso que jamais conseguiremos tolerar, se não formos humildes. Humildade e misericórdia andam juntos, e é esse conjunto que conduz à tolerância.

Equipe de Ensino

16 - INUTILIDADE

Muitos se reportam ao Divino Salvador, como se o Mestre fosse apenas um doador de [aposentadoria espiritual](#).

Entretanto, o conceito de salvação é, na realidade, muito diverso daquele que vulgarmente se lhe atribui.

Um navio é arrebatado à tormenta para servir àqueles que o tripulam.

Uma árvore consegue exonerar-se da praga que lhe corrói as raízes, a fim de produzir com eficiência e segurança.

Uma casa se sobrepõe à intempérie, de modo a atender aos que lhe ocupam as dependências.

Um enfermo é arrancado aos braços da morte, para recuperar a saúde e reassumir o seu posto de trabalhador respeitado e digno, no setor de luta em que foi chamado a viver.

Jesus não veio salvar as criaturas para situá-las num paraíso de ociosidade incompreensível.

O Excelso Semeador prescinde de flores simplesmente ornamentais que serviriam apenas como exaltação de parasitismo, injustificável em sua lavoura de redenção.

O Mestre veio até nós para transformar-nos em obreiros de seu Reino.

Veio salvar-nos da [inutilidade](#) que nos é própria, a fim de soerguer-nos à condição de cooperadores diligentes em sua construção de amor e concórdia.

Ninguém pretenda, desse modo, escalar o Céu sem a cruz da Terra ou senhorear a paz sem extinguir a guerra inferior das paixões escuras a se entrechocarem, violentas, no mundo de si mesmo.

À nossa frente, brilham as oportunidades de serviço no campo imenso da vida.

Somos convocados ao bem nos mínimos ângulos da caminhada.

Se quisermos, pois, a posição de tutelados do Cristo, busquemos servi-lo na pessoa próximo, na convicção de que somente assim formaremos ao Seu lado na vanguarda sublime da luz.

Emmanuel

POLUIÇÃO E PSICOSFERA

Ecólogos de todo o mundo preocupam-se, na atualidade, com a poluição devastadora, que resulta dos detritos superlativos que são atirados nos oceanos, nos rios, lagos e "terras inúteis" circunjacentes às grandes metrópoles, como o tributo pago pelo conforto e pelas conquistas tecnológicas, desde os urgentes ingredientes e artefatos para a sobrevivência, às indústrias bélicas, às de explorações novas, às "de inutilidade" que atiram centenas de milhões de toneladas de lixo, óleos e resíduos em todo lugar.

Além dessas, convém recordarmos a de natureza sonora, dos centros urbanos, produzindo distonias graves e contínuas ...

Os mais pessimistas, porém, prevêm a possível destruição da vida vegetal, animal e hominal como efeito dos excessivos restos produzidos pelos engenhos de que o homem se utiliza, e logo o esmagarão após transformar a Terra num caos ...

Mais grave, demonstram os técnicos no assunto importante, é a poluição atmosférica, graças às substâncias venenosas que são expelidas pelas fábricas em forma de resíduos, pelos motores de explosão a se multiplicarem fantástica, insaciavelmente, e os inseticidas usados para a agricultura ...

Voluptuoso e desconsertado por desvarios múltiplos do homem, as máquinas avançam, dirigidas pela inconcebível ganância, desbastando reservas florestais e influenciando climatericamente com transformações penosas nas regiões, então, vencidas ...

O espectro de calamidades não imaginadas ronda e domina com segurança muitos departamentos ambientais ora reduzidos à aridez ...

Cifras assustadoras denotam o quanto se desperdiça na **inutilidade** - embora a elevada estatística chocante dos que se estorcegam na mais ínfima miséria, rebolecando-se na coleta dos montes de lixo, à cata de destroços de que possam retirar o mínimo para sobreviver! - comprovando que no galvanizar das paixões, o homem moderno, à semelhança de Narciso, continua a contemplar a imagem refletida nas águas perigosas da vaidade e do egoísmo em que logo poderá asfixiar-se, inerme ou desesperado. No entanto, irrefletido, impõe-se exigências dispensáveis, a que se escraviza, complicando a própria e a situação dos demais usuários dos recursos da generosa mãe-Terra.

Nesse panorama deprimente, e para sanar alguns dos males imediatos e outros do futuro, sugestões e programas hão surgido preocupando as

autoridades responsáveis pelos Organismos Mundiais, no sentido de serem tomadas providências coletivas e salvadoras urgentes. Algumas já estão sendo postas em prática, embora em número reduzido, tais o reflorestamento; a ausência de tráfego com motores de explosão em algumas cidades uma vez por semana; a tentativa da industrialização do lixo, com aproveitamento de energia, adubos e outros; controle no uso de pesticidas na lavoura; técnicas não poluentes com o fim de gerar energia; as áreas verdes nas cidades; a segurança por meio de controle das experiências nucleares, a fim de ser evitada a contaminação ...

Afirma-se que por onde o homem e a civilização passam ficam os sinais danosos da sua jornada, em forma de aridez, destruição e morte.

As grandes Nações, materialmente estruturadas e guindadas ao ápice pela previsão futuro lógica de mentes e computadores que prometiam tudo resolver, fazendo soberbas e vãs as criaturas, foram surpreendidas, há pouco, pelas conseqüências gerais da própria impetuosidade, no resultado da guerra no Oriente Médio, fazendo-as parar e modificando, em muitas delas, as estruturas e programas, previsões e soberania pelas exigências do deus petróleo em que estabeleceram as bases do seu poderio e das suas glórias, decepcionadas, atônitas ...

Algumas tiveram a economia abalada, padecendo crises que resultaram do gravame geral, modificando a política interna e externa, num atestado de nulidade quanto aos compromissos humanos assumidos; à segurança e precariedade das humanas forças.

Como resultado, apressam-se as negociações internacionais por acordos diplomáticos e conchavos político-econômicos, enquanto a fome, campeando desassombreadamente, confirma a falência dos cálculos e das fantasias materialistas, visivelmente perturbadas no testemunho dos seus

líderes em convulsas transações com que tentam reequilibrar o poderio avassalado, quando não, perdido ...

O poder de um dia, qual efêmera glória, sempre muda de mão e local, fazendo oscilarem, mudarem de rumo os interesses e as supostas proteções, fruto, indubitavelmente, de uma poluição descuidada - a de natureza moral!

A força e a grandeza de alguns povos até há pouco mandatários da Terra cederam lugar aos potentados reais, que se demoravam desconsiderados e as exigências da fome ameaçadora e voraz os situou como as legítimas potências que são disputadas, após o deus negro: o arroz, o trigo, o milho e o sorgo, cujos celeiros, quase vazios no mundo, deles necessitam com urgência para a sobrevivência dos seres.

Todavia, o homem ingere e disparte mais terrível poluição, venenosa quão irrefreável graças ao cultivo de lamentáveis atitudes em que persevera e se compraz: referimo-nos à poluição mental que interfere na ecologia psicoférica da vida inteligente, intoxicando de dentro para fora e desarticulando de fora para dentro.

Estando a Terra vitimada pelo entrechoque de vibrações, ondas e mentes em desalinho, como decorrência do desamor, das ambições desenfreadas, dos ódios sistemáticos, as funestas conseqüências se fazem presentes não apenas nas guerras externas e destrutivas, mas também nas rudes batalhas no lar, na família, no trabalho, nas ruas da comunidade, no comportamento. Intoxicado pela ira, vencido pelo desespero que agasalha, foge na direção dos prazeres selvagens nos quais procura relaxar tensões, adquirindo mais altas cargas de desequilíbrio em que se debate.

A poluição mental campeia livre, favorecendo o desbordar daquela de natureza moral, fator primacial para as outras que são visíveis e assustadoras.

O programa, no entanto, para o saneamento de tão perigoso estado de coisas, já foi proposto por Jesus, o Sublime Ecólogo que em a Natureza, preservando-a, abençoando-a, dela se utilizou, apresentando os métodos e técnicas da felicidade, da sobrevivência ditosa nos incomparáveis discursos e realizações de que inundou a História, estabelecendo as bases para o reino de amor e harmonia, sem fim, sem dores, sem apreensões ...

Nunca reagiu o Mestre - sempre agiu com sabedoria. Jamais se permitiu ferir - deixou-se, porém, crucificar.

Nenhuma agressão de Sua parte - facultou-se, no entanto, ser agredido.

Por onde passou, deixou concessões de esperança, bálsamo de reconforto, amenidade e paz. Seus caminhos ficaram floridos pelas alegrias e abençoados pelos frutos da saúde renovada.

Rei Solar, fez-se servo humilde de todos, mantendo-se inatingido, embora o ambiente em que veio construir a Vida Nova para os tempos futuros ...

Repassa-Lhe a sublime trajetória. Busca-O!

Faze uma pausa na terrível conjuntura em que te encontras e recorda-O.

Para toda enfermidade, Ele tem a eficiente terapia; para as calamidades destes dias, Ele tem a solução.

Ama e serve, portanto, como possas, quanto possas, quando possas.

A Terra sairá do caos que a absorve e voltarão o ar puro, a água cristalina, a relva repousante, o trinar dos pássaros, o fulgor do sol e o faiscar das estrelas em nome do Pai Criador e de Jesus, o Salvador Perene de todos nós.

Joanna de Ângelis

**17 -
INVEJA**

"O invejoso é inseguro e supersensível, irritadiço e desconfiado, observador minucioso e detetive da vida alheia até a exaustão, sempre armado e alerta contra tudo e todos".

A inveja sempre foi uma emoção sutilmente disfarçada em nossa sociedade, assumindo aspectos ignorados pela própria criatura humana. As atitudes de rivalidade, antagonismo e hostilidade dissimulam muito bem a inveja, ou seja, a própria "prepotência da competição", que tem como origem todo um séquito de antigas frustrações e fracassos não resolvidos e interiorizados.

O invejoso é inseguro e supersensível, irritadiço e desconfiado, observador minucioso e detetive da vida alheia até a exaustão, sempre armado e alerta contra tudo e todos. Faz o gênero de superior, quando, em realidade, se sente inferiorizado; por isso, quase sempre deixa transparecer um ar de sarcasmo e ironia em seu olhar, para ocultar dos outros seu precário contato com a felicidade.

Acreditamos que, apesar de a inveja e o ciúme possuírem definições diferentes, quase sempre não são diferenciados ou corretamente percebidos por nós. As convenções religiosas nos ensinaram que jamais deveríamos sentir inveja, pelo fato de ela se encontrar ligada à ganância e à cobiça dos bens alheios. Em relação ao ciúme, os padrões estabeleceram que ele estaria, exclusivamente, ligado ao amor. É por isso que passamos a acreditar que ele é aceitável e perfeitamente admissível em nossas atitudes pessoais.

Analisando as origens atávicas e inatas da evolução humana, podemos afirmar que a emoção da inveja não é uma necessidade aprendida. Não foi

adquirida por experiência nem por força da socialização, mas é uma reação instintiva e natural, comum a qualquer criatura do reino animal. O agrado e carinho a um cão pode provocar agressividade e irritação em outro, por despeito.

Nos adultos essas manifestações podem ser disfarçadas e transformadas em atos simulados de menosprezo ou de indiferença. Já as crianças, por serem ingênuas e naturais, mordem, batem, empurram, choram e agridem.

A inveja entre irmãos é perfeitamente normal. Em muitas ocasiões, ela surge com a chegada de um irmão recém-nascido, que passa a obter, no ambiente familiar, toda a atenção e carinho. Ela vem à tona também nas comparações de toda espécie, feitas pelos amigos e parentes, sobre a aparência física privilegiada de um deles. Muitas vezes, a inveja manifesta-se em razão da forma de tratamento e relacionamento entre pais e filhos. Por mais que os pais se esforcem para tratá-los com igualdade, não o conseguem, pois cada criança é uma alma completamente diferente da outra. Em vista disso, o modo de tratar é conseqüentemente desigual, nem poderia ser de outra maneira, mas os filhos se sentem indignados com isso.

A emoção da inveja no adulto é produto das atitudes internas de indivíduos de idade psicológica bem inferior à idade cronológica, os quais, embora ocupem corpos desenvolvidos, são verdadeiras almas de crianças mimadas, impotentes e inseguras, que querem chamar a atenção dos maiores no lar.

O Mestre de Lyon interroga as Vozes do Céu: "Será possível e já terá existido a igualdade absoluta das riquezas?" E elas, com muita sabedoria, informam: " ... Há, no entanto, homens que julgam ser esse o remédio aos males da sociedade (. . .) São sistemáticos esses tais, ou ambiciosos cheios de inveja ... "

A necessidade de poder e de prestígio desmedidos que encontramos em inúmeros homens públicos nas áreas religiosa, política, profissional, esportiva, filantrópica, de lazer e outras tantas, deriva de uma "aspiração de dominar" ou de um "sentimento de onipotência, com o que tentam contrabalançar emocionalmente o complexo de inferioridade que desenvolveram na fase infantil.

Encontramos esses indivíduos, aos quais os Espíritos se reportam na questão acima, nas lutas partidárias, em que, só aparentemente, buscam a igualdade dos "direitos humanos", prometem a "valorização da educação", asseguram a melhoria da "saúde da população" e a "divisão de terras e rendas". Sem ideais alicerçados na busca sincera de uma sociedade equânime e feliz, procuram, na realidade, compensar suas emoções de inveja mal elaboradas e guardadas desde a infância, difícil e carente, vivida no mesmo ambiente de indivíduos ricos e prósperos.

Tanto é verdade que a maioria desses "defensores do povo", quando alcança os cumes sociais e do poder, esquece-se completamente das suas propostas de justiça e igualdade.

Eis alguns sintomas interiorizados de inveja que podemos considerar como dissimulados e negados:

- perseguições gratuitas e acusações sem lógica ou fantasiadas;
- inclinações superlativas à elegância e ao refinamento, com aversão à grosseria;
- insatisfação permanente, nunca se contentando com nada;
- manifestação de temperamento teatral e pedantismo nas atitudes;
- elogios afetados e amores declarados exageradamente;
- animação competitiva que leva às raias da agressividade.

O caráter invejoso conduz o indivíduo a uma imitação perpétua à originalidade e criação dos outros e, como consequência lógica, à frustração. Isso acarreta uma sensação crônica de insatisfação, escassez, imperfeição e perda, além de estimular sempre uma crescente dor moral e prejudicar o crescimento espiritual das almas em evolução.

Hammed

18 - IRRESPONSABILIDADE

"Somos nós mesmos que fazemos os nossos caminhos e depois os denominamos de fatalidade."

Não é coerente que cada um de nós trabalhe para alcançar a própria felicidade? Não é lógico que devemos nos responsabilizar apenas por nossos atos? Não nos afirma a sabedoria do Evangelho que seríamos conhecidos, exclusivamente, pelas nossas obras?

Fazer os outros seguros e felizes é missão impossível de realizar, se acreditarmos que depende unicamente de nós a plenitude de sua concretização. Se assim admitimos, passamos, a partir de então, a esperar e a cobrar retribuição; em outras palavras, a reciprocidade. Não seria mais fácil que cada um de nós conquistasse sua felicidade para que depois pudesse desfrutá-la, convivendo com alguém que também a conquistou por si mesmo? Qual a razão de a ofertarmos aos outros e, por sua vez, os outros a concederem a nós? Por certo, só podemos ensinar ou partilhar o que aprendemos.

Assim disse Pedro, o apóstolo: "Não tenho ouro nem prata; mas o que tenho, isso te dou."!

Dessa maneira, vivemos constantemente colocando nossas necessidades em segundo plano e, ao mesmo tempo, nos esquecendo de que a maior de todas as responsabilidades é aquela que temos para com nós mesmos.

[Os acontecimentos exteriores de nossa vida são o resultado direto de nossas atitudes internas.](#) A princípio, podemos relutar para assimilar e entender esse conceito, porque é melhor continuarmos a acreditar que somos vítimas indefesas de forças que não estão sob o nosso controle. Efetivamente, somos nós mesmos que fazemos os nossos caminhos e depois os denominamos de fatalidade.

"Haverá fatalidade nos acontecimentos da vida, conforme ao sentido que se dá a este vocábulo? (..) são pré-determinados? E, neste caso, que vem a ser do livre-arbítrio?", pergunta Kardec aos Semeadores da Nova Revelação. E eles respondem: "A fatalidade existe unicamente pela escolha que o Espírito fez, ao encarnar (..) Escolhendo-a, instituiu para si uma espécie de destino ... "

É inevitável para todos nós o fato de que vivemos, invariavelmente, escolhendo. A condição primordial do livre-arbítrio é a escolha e, para que possamos viver, torna-se indispensável escolher sempre. Nossa existência se faz através de um processo interminável de escolhas sucessivas.

[Eis aqui um fato incontestável da vida: o amadurecimento do ser humano inicia-se quando cessam suas acusações ao mundo.](#)

Entretanto, há indivíduos que se julgam perseguidos por um destino cruel e censuram tudo e todos, menos eles mesmos. Recusam, sistematicamente, a responsabilidade por suas desventuras, atribuindo a culpa às circunstâncias e às pessoas, bem como não reconhecem a conexão existente entre os fatos exteriores e seu comportamento mental. No íntimo, essas pessoas não definiram limites em seu mundo interior e vivem num

verdadeiro emaranhado de energias desconexas. Os limites nascem das nossas decisões profundas sobre o que acreditamos ser nossos direitos pessoais.

Nossas demarcações estabelecem nosso próprio território, cercam nossas forças vitais e determinam as linhas divisórias de nosso ser individual. Há um espaço delimitado onde nós terminamos e os outros começam.

Algumas criaturas aprenderam, desde a infância, o senso dos limites com pais amadurecidos. Isso os mantém firmes e saudáveis dentro de si mesmas. Outras, porém, não. Quando atingiram a fase adulta, não sabiam como distinguir quais são e quais não são suas responsabilidades. Muitas construíram muros de isolamento que as separaram do crescimento e da realização interior, ou ainda paredes com enormes cavidades que as tornaram suscetíveis a uma confusão de suas emoções com as de outras pessoas.

Limites são o portal dos bons relacionamentos. Têm como objetivo nos tornar firmes e conscientes de nós mesmos, a fim de sermos capazes de nos aproximar dos outros sem sufocá-los ou desrespeitá-los. Visam também evitar que sejamos constringidos a não confiar em nós mesmos.

[Ser responsável implica ter a determinação para responder pelas conseqüências das atitudes adotadas.](#)

[Ser responsável é assumir as experiências pessoais, para atingir uma real compreensão dos acertos e dos desenganos.](#)

[Ser responsável é decidir por si mesmo para onde ir e descobrir a razão do próprio querer.](#)

Não existem "vítimas da fatalidade"; nós é que somos os promotores do nosso destino. Somos a causa dos efeitos que ocorrem em nossa existência.

Aceitar o princípio da responsabilidade individual e estabelecer limites descomplica nossa vida, tornando-nos cada vez mais conscientes de tudo o que acontece ao nosso redor.

Escolhendo com responsabilidade e sabedoria, poderemos transmutar, sem exceção, as amarguras em que vivemos na atualidade. A auto-responsabilidade nos proporcionará a dádiva de reconhecer que qualquer mudança de rota no itinerário de nossa "viagem cósmica" dependerá, invariavelmente, de nós.

Hammed

19 - MALDADE

Maldade ou crueldade é cometer alguma coisa fora da ética padrão de determinada sociedade quando envolve danos à saúde de algum animal, em especial à saúde humana.

Maldoso ou cruel é a característica de alguém de ser mau ou cometer maldades.

[A transitória maldade humana](#)

*E as paixões hoje são quase as mesmas de ontem,
senão mais açuladas, mais violentas e devastadoras,
no homem que prossegue inquieto.*

Joanna de Ângelis

A maldade dos homens sempre inquietou os pensadores dos mais diversos campos do saber e da ação humana: filosofia, ciência, arte, religião.

Recentemente o Jornal do Brasil publicou em seu caderno Idéias uma resenha sobre uma obra que trata deste tema. O livro em questão é O mal no pensamento moderno, de Susan Neimam e o título e subtítulo da matéria, assinada por Joel Macedo, é também expressivo: “O mal nosso de cada dia - Filósofa parte do terremoto de Lisboa para mostrar como o mal deixou de ser divino para se tornar criação do homem”.

Para a autora, o terremoto de Lisboa em 1755 é um divisor de águas nas concepções sobre o mal. Antes deste evento que abalou a Europa, prevalecia “a visão de males naturais como punição para males morais”.

Nas palavras do resenhista:

Lisboa aboliu as causas morais, absolveu Deus e os pecados coletivos, e os terremotos passaram a ser vistos como desastres naturais, algo fora da intenção divina ou responsabilidade humana. Explicar o mal como processos naturais, implicando mais a natureza em si, foi uma forma de tornar o mundo menos ameaçador.

Deus não é mais agente punitivo, causa de males que retornam aos homens como forma de castigo. O mal depois de Lisboa é reduzido ao seu aspecto moral, aquele praticado pelo homem, por deliberação de sua vontade.

Dentro de certos padrões previsíveis os males humanos pareciam não mais destinados a inquietar os filósofos, pois que o mal parecia ter limites... O Holocausto (extermínio dos judeus e outras vítimas durante a Segunda Grande Guerra), no entanto, reavivou a discussão sobre os limites da barbárie, da perversão humana, lançando na atmosfera intelectual européia e mundial uma onda de pessimismo e descrença.

Apesar da descrença na Providência Divina, que se acentuaria no pós-guerra, vozes se levantaram para absolver Deus, por sua possível omissão

diante das atrocidades. (Não se acredita muito Nele, mas quando ocorre algo grave, O acusamos de não se fazer presente, quando Ele na verdade, nem mesmo fora convidado a participar de nossas vidas, antes das tragédias...)

Estamos nos referindo particularmente a Hanna Arendt. Filósofa judia, radicada nos Estados Unidos, ela estudou profundamente as questões do mal e suas discussões estão presentes no livro Eichmann em Jerusalém, que trata do julgamento do carrasco nazista, responsável pela morte de milhares de pessoas.

Partindo do caso Eichmann ela pondera que o mal pode tornar-se banal e espalhar-se pelo mundo dos homens como um fungo, porém apenas em sua superfície. As raízes do mal não estão definitivamente instaladas no coração do homem e por não conseguirem penetrá-lo profundamente a ponto de fazer nele morada, podem ser arrancadas.

A sua defesa da Divindade encontra-se no trecho de uma carta enviada a um amigo, na qual afirma que "O mundo como Deus o criou parece-me um mundo bom."

Com Deus absolvido (mesmo que parcialmente) pela criação do mal e suas conseqüências, vejamos a visão espírita sobre esta questão.

[A visão espírita do mal](#)

Para a doutrina dos espíritos o mal é criação do próprio homem e não tem existência senão temporária, transitória, pois no arranjo maior da Vida não tem sentido a permanência do mal. O mal, desta forma, faz parte do aprendizado, porém na condição de resíduo; por isso, ele deve ser descartado em algum momento.

Conforme Kardec aponta em Obras Póstumas "Deus não criou o mal; foi o homem que o produziu pelo abuso que fez dos dons de Deus, em virtude de

seu livre arbítrio.” Este pequeno trecho compõe um dos mais belos ensaios que Kardec deixaria, não intencionalmente, para publicação posterior. Trata-se de O egoísmo e o orgulho: suas causas, seus efeitos e os meios de destruí-los.

O mestre lionês, ao desenvolver o tema, parte do pressuposto de que o instinto de conservação, natural e necessário para a sobrevivência do homem está na origem do egoísmo e do orgulho. Este e outros instintos têm a sua razão de ser. No entanto, o homem abusa destes instintos, por conta do apego às sensações que as impressões da matéria lhes causam.

Vive então, (e aqui começa nossa análise), a sua longa epopéia rumo à maturidade, devendo liberar-se de tudo que signifique retenção a esta fase infantil, de imaturidade, de apego ao ego, em que tudo deve girar ao nosso redor.

Na mensagem “A lei de amor”, de Lázaro, presente em O Evangelho Segundo o Espiritismo, o autor afirma que

Em sua origem, o homem só tem instintos; quando mais avançado e corrompido, só tem sensações; quando instruído e depurado, tem sentimentos. E o ponto delicado do sentimento é o amor...

Os instintos, as sensações e os sentimentos estarão presentes na existência humana em determinadas combinações, durante todo o processo evolutivo, com a preponderância de alguns sobre os outros.

Na fase inicial de sua jornada – na condição de simples e ignorante – é possível que o instinto lhe seja o melhor guia; à medida que desenvolve as potências da alma – a inteligência, a vontade – ele tende a apegar-se às sensações, pois não desenvolveu ainda, na mesma proporção os sentimentos, que permanecem como presença latente e promessa futura; como a inteligência desenvolve-se mais rapidamente, na ausência de

sentimentos como a fé, a esperança, a caridade, o homem tende a prender-se à sensações materiais; por fim, aliando a inteligência (instruído) e as experiências de vida (depurado), o sentimentos começam a ocupar maiores espaços de manifestações anímicas no homem.

Podemos, assim, afirmar que os instintos e as sensações ainda convivem conosco hoje, pois como espíritos encarnados, imersos em um corpo físico, estamos sujeitos às leis e às atrações da matéria, porém os sentimentos tendem a dominar-nos a alma, aliado à inteligência, que já temos desenvolvido sob as suas diversas modalidades.

Retomando o ensaio de Kardec, este vai insistir no debate em torno do egoísmo e do orgulho, situando-os como causa de todos os males.

Abel Sidney de Souza

palavra de quem acusa; cáustico e corrosivo é o verbo na boca de quem relaciona defeitos; veneno perigoso é a expressão condenatória a vibrar nos lábios de quem malsina; lama pútrida, trescalando fétido, é a vibração sonora no aparelho vocal de quem censura; borralho escuro, ocultando a verdade, é a maledicência destrutiva.

A maledicência é cultura de inutilidade em solo apodrecido. Maldizer significa destruir.

A verdade é como claro sol. A maledicência é nuvem escura. No entanto, é invariável a vitória da luz sobre a treva.

O maledicente é atormentado que se debate nas lavas da própria inferioridade. Tem a visão tomada e tudo vê através das pesadas lentes que carrega.

A palavra malsinante nasce discreta, muitas vezes, para incendiar-se perigosa, logo mais, culminando na calúnia devastadora.

Não há desejo de ajudar quando se censura. Ninguém ajuda condenando.

Não há Socorro se, a pretexto de auxílio, se exibem as feridas alheias à indiferença de quem escuta.

Quanto possível, extingue esse monstro da paz alheia e da tua serenidade, que tenta dominar-te a vida.

Caridade é bênção sublime a desdobrar-se em silencioso socorro.

Volta as armas da tua oração e vigilância contra a praga da maledicência aparentemente ingênua, mas que destrói toda a região por onde prolifera.

Recusa a taça venenosa que a observação da impiedade coloca à tua frente.

Desculpa o erro dos outros.

E' muito mais fácil informar-se erradamente do que atingir-se o fulcro da observação exata.

As aparências não expressam realidades.

A forma oculta o conteúdo. Ninguém pode julgar pelo exterior.

Quando vier a tentação de acusar e apontar defeitos, lembra-te das próprias necessidades e limitações e, fazendo todo o bem possível ao teu alcance, avança na firme resolução de amar, e despertarás, além das sombras da carne por onde segues, num roteiro abençoado onde os corações felizes e livres buscam a Vida Verdadeira.

Joanna de Ângelis - Lampadário Espírita

21 -
ÓDIO

A LIÇÃO DA ESPADA

"Não cuideis que vim trazer a paz à Terra..." - Jesus, (Mateus, 10:34)

"Não vim trazer a paz, mas a espada" - disse-nos o Senhor.

E muitos aprendizes prevalecem-se da feição literal de Sua palavra, para estender a sombra e a perturbação.

Valendo-se-lhe do conceito, companheiros inúmeros consagram-se ao azedume no lar, conturbando os próprios familiares, em razão de lhes imporem modos de crer e pontos de vista, vergastando-lhes o entendimento, ao invés de ajudá-los na plantação da fé viva quando não se desmandam em discussões e conflitos, polemizando sem proveito ou acusando indebitamente a todos aqueles que lhes não cumunguem a cartilha de **VIOLÊNCIA e de CRUELDADE**.

O mundo, até a época do Cristo, legalizara a prepotência do **ÓDIO e da IGNORÂNCIA**, mantendo-lhe a terrível dominação, através da espada mortífera da guerra e do cativoiro, em sanguinolentas devastações.

A realeza do homem era a tirania revestida de ouro, arruinando e oprimindo onde estendesse as garras destruidoras.

Com Jesus, no entanto, a espada é diferente. Voltada para o seio da Terra, representa a cruz em que Ele mesmo prestou o testemunho supremo do sacrifício e da morte pelo bem de todos.

É por isso que o Seu exemplo não justifica os instintos desenfreados de quantos pretendam ferir ou guerrear em Seu nome.

A disciplina e a humildade, o amor e a renúncia marcam-lhe as atitudes em todos os passos da senda.

Flagelado e esquecido, entre o escárnio e a calúnia, o perdão espontâneo flui-lhe, incessante, da alma, para somente retribuir bênção por maldição, luz por treva, bem por mal.

Assim, se recebeste a espada simbólica que o Mestre nos trouxe à vida, lembra-te de que a batalha instituída pela lição do Senhor permanece viva e rija; dentro de nós, a fim de que, ensarilhando sobre o pretérito a espada de nossa antiga insensatez, venhamos a convertê-la na cruz redentora, em que combateremos os inimigos de nossa paz, ocultos em nosso próprio "eu", em forma de orgulho e intemperança, egoísmo e animalidade, consumindo-os ao preço de nossa própria consagração à felicidade dos outros, única estrada suscetível de conduzir-nos ao império definitivo da Grande Luz.

Emmanuel

22 - ORGULHO

[A verdadeira importância](#)

O orgulho e o egoísmo, estes dois sentimentos perniciosos, próprios do estágio evolutivo em que nos encontramos, ao inspirarem a tendência de analisarmos as situações pelo prisma de nossas satisfações e interesses pessoais, criam as desigualdades sociais.

O médico de vasta clientela rica olha com desprezo para o operário mal vestido, que o procura no luxuoso consultório;

o juiz famoso recebe apressado e distraído o serviçal da limpeza pública, que vem pedir sua orientação para um problema pessoal;

o rico empresário recusa-se a considerar a possibilidade de empréstimo para o comerciário, que deseja instalar uma banca de jornais e livros.

Os problemas que dificultam o relacionamento dos primeiros com os segundos, não são simplesmente de apresentação, tempo ou confiança mas, essencialmente, de orgulho e egoísmo, que geram a falsa impressão de que alguém é mais importante que seus semelhantes, em face de sua posição social, sua cultura ou seu dinheiro.

Falsa, porque, observada a questão em seu aspecto prático, de contribuição em favor da sociedade, seria muito difícil considerar mais importante o médico do que o operário.

Se o médico sustenta a saúde da comunidade, o operário produz os bens de consumo que garantem a vida comunitária ...

Será mais importante o juiz que dispensa justiça do que o servidor que faz a coleta do lixo? Ah! Abençoado funcionário da limpeza pública! Como conceber a vida urbana sem o seu concurso?! ...

Será mais importante o empresário que o vendedor de livros e jornais? Se aquele promove o progresso material de uma coletividade, este lhe enriquece o espírito com os valores da cultura e da informação.

Num relógio, os ponteiros são importantes. Mostram as horas. Mas, serão mais importantes do que a máquina que os movimenta, escondida sob o mostrador? E neste delicado mecanismo, composto de centenas de minúsculas peças, qual a principal? Difícil responder, já que a falta de qualquer uma delas prejudicará o funcionamento do relógio.

Numa cidade, administradores, líderes e autoridades são os ponteiros ...

Mas, o que faria o prefeito sem o funcionalismo público ou sem a força que movimenta a máquina administrativa, representada pela arrecadação de impostos, da qual participam direta ou indiretamente todos os munícipes? ...

Que faria o líder religioso sem a colaboração dos fiéis em seu trabalho social, sustentando até mesmo sua vocação de orientar, com os valores da aceitação? ...

Poderia o chefe de polícia garantir a ordem sem o apoio do soldado humilde que se coloca a seu serviço? ...

Por isso, em qualquer agrupamento social, todos são importantes, desde que exercendo atividade útil.

Houve tempo em que o Homem era considerado segundo seus títulos de nobreza. Desfrutava atenção e respeito, ainda que seu comportamento fosse irresponsável e vicioso, desde que possuísse brasões e tradição de família.

Hoje, isso não significa nada, mas o Homem ainda é medido pela posição social que consegue galgar, firmada em dinheiro e poder, mesmo que tripudiando sobre direitos alheios, transformando a sociedade numa autêntica selva, onde triunfam os mais duros e espertos.

Dia virá em que o Homem será considerado unicamente pelo seu empenho em honrar a atividade que escolheu com os valores da dedicação e da honestidade, dando o máximo de si mesmo em favor do progresso e do bem-estar da comunidade.

[Então prevalecerá uma única desigualdade - a do merecimento - a determinar que receba maior soma de bênção da Vida aquele que mais a enriquecer, fazendo sempre o melhor, seja o governador de uma comunidade ou seu mais humilde serviçal da limpeza.](#)

Richard Simonetti

23 - PAIXÕES

O princípio das paixões é inerente à natureza do ser humano.

Quando bem dosado e orientado leva o homem a grandes feitos, a grandes realizações.

Em tudo na vida o erro está no abuso e não no uso. Por exemplo: trabalhar e comer são atividades positivas, mas trabalhar e comer excessivamente é prejudicial.

As paixões são como um cavalo que é útil quando governado e perigoso quando governa (LE 908); em assim sendo, a paixão negativa consiste no fato de o homem ser dependente de algo exterior a si; quanto mais domínio sobre si tiver, mais livre será.

O princípio das paixões não é portanto um mal, pois repousa sobre uma das condições providenciais de nossa existência.

A paixão propriamente dita é o exagero de uma necessidade ou de um sentimento; está no excesso e não na causa (LE 908).

O homem não deve, portanto, esquecer que o Espírito é o senhor que pode e deve controlar a vida do corpo; o corpo é mero instrumento destinado a servir o Espírito.

Desta forma , todo sentimento que eleva o homem acima da natureza animal anuncia o predomínio do Espírito sobre a matéria e o aproxima da perfeição (LE 908).

O homem poderia sempre vencer as suas más tendências pelos seus próprios esforços; o que lhe falta é vontade, disposição do Espírito, iniciativa. Quando o homem julga que não pode superar suas paixões é que seu Espírito nelas se compraz, como conseqüência de sua própria inferioridade (LE 911).

Equipe de Ensino

24 - PERVERSIDADE

Os maus Espíritos apenas vão aos lugares aonde podem satisfazer sua perversidade.

Para os afastar, não basta pedir-lhes, nem mesmo ordenar-lhes que se afastem: é preciso que o homem elimine de si o que os atrai.

Os maus Espíritos percebem as chagas da alma, como as moscas farejam as chagas do corpo.

Da mesma forma que limpais o corpo para evitar os vermes, deveis limpar também a alma de suas impurezas para evitar os maus Espíritos.

Como vivemos num mundo em que há grande quantidade de maus Espíritos, as boas qualidades do coração nem sempre nos protegem de suas tentativas, mas nos dão a força para lhes resistir.

**25 -
PREGUIÇA**

Melhor é aquele que se julga insignificante e vive cercado de servos, com os quais trabalha para o bem comum, do que o homem **preguiçoso e inútil**, faminto de pão, mas sempre interessado em honrar a si mesmo.

Lavra o campo das possibilidades que o mundo te conferiu, para que respires na fartura, porque o homem inativo residirá com a miséria.

Ainda mesmo que a **preguiça** apareça adornada de ouro, um dia acordará nua e empestada, ao clarão das realidades eternas.

Enquanto as mãos do ímpio tecem a rede dos males, prepara com o teu esforço a colheita das bênçãos.

Tudo passa no mundo.

O mentiroso pagará pesados tributos.

O desapiedado ferirá a si mesmo.

O imprudente acordará nas sombras da própria queda.

O avaro será algemado às riquezas que amontoou.

O revoltado estará em trevas.

Mas o homem justo e diligente vencerá o mundo.

Sousa Caldas

NOTA:

- É o vício mais perigoso para a Humanidade.
- A preguiça é um grave defeito da vontade, caracterizando-se pela falta de

impulso para o trabalho.

- O maior dos pecados, a causa primordial de todos os males, é a preguiça.
- Preguiça é ópio das trevas.
- A tentação do repouso é das mais perigosas, porque, depois da ignorância, a preguiça é a fonte escura de todos os males.

26 - SEXO

Amor livre

Um dos temas em evidência, na atualidade, é o amor livre, a união entre o homem e a mulher, sem nenhum vínculo sério, sem compromissos em relação ao futuro e, conseqüentemente, sem cogitar de matrimônio e filhos.

Embora alguns espíritos mais lúcidos, dentre os que debatem o assunto, demonstrem o perigo de abolir-se o instituto da Família, selado pelo compromisso do casamento, há uma forte tendência, particularmente nas grandes cidades, para o cultivo do amor livre. Dir-se-ia com mais propriedade sexo livre, já que somente a busca de sensações, na promiscuidade sexual sem responsabilidade, poderia justificar semelhante pretensão.

Na questão n.º 695, de "O Livro dos Espíritos", interroga Allan Kardec: "O casamento, ou seja, a união permanente entre dois seres é contrária às leis da Natureza?"

Resposta: "É um progresso na marcha da Humanidade." Na questão seguinte interroga o Codificador: "Qual seria o efeito da abolição do casamento na sociedade humana?"

Resposta: "O retorno à vida animal".

E Kardec comenta que a união livre e fortuita dos sexos pertence ao estado de Natureza. O casamento é um dos primeiros atos de progresso das sociedades humanas, porque estabelece a solidariedade fraterna e se encontra entre todos os povos, embora nas mais diversas condições. E acentua: "A abolição do casamento seria, portanto, o retorno à infância da Humanidade e colocaria o Homem abaixo mesmo de alguns animais que lhe dão exemplo de uniões constantes."

Todo anseio mal orientado de liberdade, ainda que pretendendo inspirar-se em nobres ideais, acaba por levar à manifestação de impulsos primitivos da personalidade humana. O amor livre é uma tentativa de retorno à poligamia, estágio superado da Evolução.

O verdadeiro amor jamais cogita da própria liberdade, pois realiza-se na felicidade do ser amado, em permanente doação. O casamento é um compromisso que lhe dá significado e objetivo. É o supremo crédito de confiança no outro; é a certeza que alguém com capacidade de fazer feliz outro alguém.

Ainda que estas considerações pareçam simples poesia, distanciadas da realidade; ainda que para muitos os compromissos matrimoniais representem apenas lutas, problemas, dificuldades e sofrimentos, devemos lembrar que o instituto da Família, selado pelo casamento, é a escola onde fazemos nossa iniciação nos domínios do Bem e da Virtude.

A comunhão fraterna que se estabelece entre o homem e a mulher que se decidem a enfrentar a vida juntos, ensaiando afeto e desprendimento, levando-os a conjugar o verbo de suas ações não mais na primeira pessoa do singular (eu), mas na primeira do plural (nós) ...

O misterioso e sublime amor que brota, espontâneo, em seus corações, ao receberem nos braços um filho, tornando-os capazes de todos os sacrifícios para dar-lhe sustento e garantir-lhe a vida ...

Todos esses valores, reunidos na bênção do matrimônio que transforma as paredes frias de uma casa em acolhedor lar, representam uma fecundação do Espírito para as realizações mais nobres, acelerando sua jornada evolutiva.

Podem surgir no reduto doméstico a dissensão e a amargura, o tédio e a mágoa, inspirando nos cônjuges a idéia de que sua ligação teria sido um lamentável engano, estimulando os menos avisados a procurarem a própria satisfação nos domínios do amor livre.

É preciso considerar, entretanto, que a grande maioria dos casamentos tem ascendentes espirituais e raízes no passado. As almas reunidas no lar para as experiências em comum são velhos conhecidos ...

Companheiros de delinqüência, inimigos, desafetos, vítima e verdugo, devedor e credor, são expressões usadas para definir as causas geradoras das situações do presente. Apresentam-se, na verdade, por pálidas indicações de inenarráveis tragédias e escuros dramas passionais ocorridos no pretérito, a determinarem o reencontro das personagens no lar para o necessário reajuste. E toda fuga representará sempre transferência do compromisso para o futuro, em regime de débito agravado.

E os que tiveram seus lares desfeitos, não obstante os reiterados esforços para manterem a integridade familiar? Será lícito procurarem nova experiência?

E por que não? A comunhão afetiva é alimento para a Alma, é precioso estímulo para árduas jornadas do Mundo. Assim como acontece em outros

países, chegará o tempo em que o Brasil terá o divórcio, favorecendo corações lesados, com a bênção de novas esperanças.

É importante considerar, todavia, que toda experiência nos domínios do sexo, sem responsabilidade, sem antecipação do amor leal e sincero estabelecendo vínculos sérios com vistas a uma vida em comum, será sempre o retorno às tendências da animalidade, gerando intranquilidade e desequilíbrio.

Em qualquer relacionamento humano, particularmente nos domínios do sexo, se esperamos alegria e paz, é preciso que o amor venha primeiro.

Richard Simonetti

27 - VAIDADE

Vantías vanitatum, et omnia vanitas, ECLESIASTES

Este mundo, como planeta de categoria inferior, é um grande palco de vaidades onde se entrecrocaram as vítimas daquele mal. Dizemos — vítimas — porque realmente o são todos os que se deixam enredar nas malhas urdidas pelas múltiplas modalidades em que o orgulho se desdobra.

A vaidade sempre produz resultado oposto àquele a que suas vítimas aspiram, confirmando destarte a sábia assertiva do Mestre: Os que se exaltam serão humilhados. Se meditássemos na razão por que Jesus, no Sermão do Monte, primeiro contacto que teve com o povo, iniciou aquela prédica dizendo — bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus —, ficaríamos sabendo que a soberba, sob seus vários

aspectos, constitui a pedra de tropeço que embarga nossos passos na conquista dos bens imperecíveis consubstanciados no reino de Deus.

Geralmente se costuma glosar em todos os tons a vaidade da mulher. E que diremos da do homem? A vaidade da mulher está na periferia, é inócua, quase inocente. Seus efeitos recaem sobre ela própria, não afeta terceiros; demais, o tempo mesmo se incumbe de corrigi-la, mostrando-lhe a ingenuidade de sua presunção.

E a do chamado sexo forte? Realmente, ao menos nesse particular a denominação assenta-lhe perfeitamente. A vaidade do homem é profunda, radica-se nos refolhos recônditos do seu coração. E' cruel, é feroz e sinistra em seus malefícios, cujos efeitos, por vezes, separam amigos, destroem povos e arruinam nações. A vaidade do homem tem feito correr rios de sangue e torrentes de lágrimas, estendendo o negro véu da orfandade sobre milhares de seres que mal haviam iniciado a existência.

Para comprovarmos o asserto, temos o testemunho da história do passado e a do presente. Que fizeram os tiranos ditadores de ontem e de hoje? Que fator, senão a vaidade, preponderou no ânimo dos Napoleões, dos Júlios Césares, dos Hitlers e dos Mussolinis, levando-os a desencadearem conflagrações, cada um na sua época, tripudiando sobre a vida humana, direito, a liberdade e a justiça? Diante, pois, dos flagelos e das hecatombes deflagradas pela vaidade masculina, que representam o "baton", o "rouge", o esmalte, as "permanentes"? Coisas infantis, ingenuidades!

Cumpra ainda assinalarmos aqui que os edificantes exemplos de humildade registados nos Evangelhos não tiveram nos homens os seus protagonistas, mas nas mulheres. Haja vista a atitude de Maria de Nazaré, já quando recebeu a investidura de Mãe do Cristo de Deus, já no que respeita à compostura em que se manteve, acompanhando o desenrolar dos acontecimentos que se relacionavam com seu Filho, da manjedoura à cruz.

A figura quase apagada em que Maria se conservou é o pedestal de glória em que refulge seu adamantino Espírito, justificando assim a justeza e a propriedade da sentença do Senhor: Os que se humilham serão exaltados.

Dizem que as guerras também contribuem para a obra da evolução. E' certo que Deus sabe tirar das próprias loucuras, que os homens cometem, os meios de corrigi-los e aperfeiçoá-los; todavia, não é menos certo que Deus não precisa nem necessita de tais insânias para realizar seus desígnios.

A guerra, portanto, sendo uma calamidade, uma infração monstruosa das leis humana e divina, nada pode apresentar que a justifique. Como fruto do atraso moral, da cegueira espiritual e da vaidade dos homens, está condenada e proscrita pela consciência cristã revivida e proclamada pela Terceira Revelação.

VINICIUS

28- VÍCIO

[Pernicioso condicionamento](#)

Segundo os padrões usuais, o vício é uma espécie de condicionamento que prende o indivíduo a determinada prática nociva. Para o fumante, por exemplo, o cigarro é uma necessidade tão premente quanto o dormir ou comer, porquanto os elementos constituintes do fumo, principalmente o alcatrão e a nicotina, gerando reações orgânicas condicionadas, provocam mal-estar, sempre que desaparecem da Circulação sanguínea.

A iniciação no vício é quase sempre um problema de auto-afirmação. Para o adolescente, tirar o cigarro da carteira, levá-lo aos lábios, riscar o fósforo e

expelir a primeira baforada, é um ritual que lhe dá segurança e o faz sentir-se "gente", principalmente quando está sozinho, em lugar público.

Por isso, suporta corajosamente o gosto amargo e a tentação de tossir. Depois, acostuma-se e chega até a sentir algum prazer. Mas logo vem o condicionamento e o fumo torna-se indispensável. Sem o cigarro, sente-se inquieto, nervoso. Completa-se o ciclo, que começou no desejo de auto-afirmação e terminou na necessidade.

Acresça-se que o vício é também um problema de compensação psicológica, em que o indivíduo procura, mergulhando no domínio das sensações, atender sua fome íntima de paz. Todavia, este é o pior caminho, pois o vício é um deus insaciável, que exige plena submissão dos "fiéis", transformando-os em autênticos escravos.

Todo viciado é um "suicida inconsciente" e, ao desencarnar, enfrentará problemas difíceis de adaptação, pois além do condicionamento físico há um condicionamento espiritual. O Espírito do viciado experimenta crises angustiantes, atormentado pela necessidade de álcool, fumo, psicotrópico, tóxico ou qualquer outra viciação cultivada na Terra. Não raro, acabará perseguindo companheiros de infortúnio, a fim de que, por um processo de associação psíquica, experimente as sensações desejadas.

Conhecemos, há tempos, um homem portador de câncer no estômago. Como sentisse muitas dores, começou a usar, sob prescrição médica, doses moderadas de morfina. Após alguns dias, inusitadamente, passou a exigir doses mais elevadas, mostrando-se insaciável. Estranha reação, já que a aplicação da morfina era recente e nem chegara a criar um condicionamento ... Mais estranha era sua superexcitação _ agressivo, nervoso - o que contrariava seu comportamento normal.

Sua esposa, fervorosa e dedicada, certo dia em que o marido se mostrava mais inquieto, ajoelhou-se aos pés da cama e em prantos implorou a

proteção do Céu. Qual não foi a surpresa de outros familiares presentes, ao constatar que a ansiedade do marido se transferiu para ela que, embora sem nunca ter usado morfina, sentia irrefreável necessidade da droga! A crise durou várias horas e somente foi debelada com o concurso de passes e orações. Soubemos depois que nosso amigo estava sob a influência de um Espírito viciado em morfina. Quando sua mulher perdeu o controle, médium sensível e indisciplinada que é, sintonizou com a entidade e passou a sofrer sua influência.

Em relação aos alcoólatras, há uma expressão que define bem sua posição diante dos viciados do Plano Espiritual. São "canecos-vivos". Alcoólatras desencarnados os assediam, estimulando-os à bebida, a fim de que, pelo mesmo processo de associação psíquica, possam satisfazer-se. O álcool, no organismo do viciado, passa por um processo de eterização e é absorvido pelo parceiro invisível. É porque não está bebendo sozinho, que o "caneco" consegue resistir à ingestão de grandes doses de bebida.

O viciado sempre renascerá com limitações físicas.

O alcoólatra terá problemas gástricos, fígado debilitado ... O fumante terá propensão às moléstias do peito: bronquite, asma, enfisema ... O toxicômano ressurgirá com limitações na inteligência e fragilidade nervosa ...

Estes males serão não apenas as conseqüências dos excessos cometidos no passado, mas, sobretudo, recursos de contenção destinados a soffrear as tendências inferiores que desenvolveram no íntimo da personalidade. Serão "muletas" que os ensinarão a caminhar com cuidado, evitando a reincidência.

Um único "vício" nos é lícito e proveitoso cultivar: o "vício" de praticar o Bem, que começa quando procuramos esquecer um pouco de nós mesmos, e se consolida quando aprendemos a servir. ..

Então superaremos em definitivo a tendência humana de procurar nos vícios da Terra a ilusória satisfação de nossos anseios de paz e conforto, sempre sucedida de inquietações e desequilíbrios.

Richard Simonetti

29 - VINGANÇA

A - A VINGANÇA - JULES OLIVIER- PARIS, 1862

A vingança é um dos últimos resíduos dos costumes bárbaros, que tendem a desaparecer dentre os homens. Ela é, com o duelo, um dos derradeiros vestígios daqueles costumes selvagens em que se debatia a Humanidade, no começo da era cristã.

Por isso, a vingança é um índice seguro do atraso dos homens que a ela se entregam, e dos Espíritos que ainda podem inspirá-la. Portanto, meus amigos, esse sentimento jamais deve fazer vibrar o coração de quem quer que se diga e se afirme espírita. Vingar-se é ainda, vós o sabeis, de tal maneira contrário a este preceito do Cristo:

"Perdoai aos vossos inimigos", que aquele que se recusa a perdoar não somente não é espírita, como também não é cristão.

A vingança é um sentimento tanto mais funesto, quanto a falsidade e a vileza são suas companheiras assíduas. Com efeito, aquele que se entrega a essa paixão cega e fatal quase nunca se vinga às claras. Quando é o mais forte, precipita-se como uma fera sobre o que considera seu inimigo,

pois basta vê-lo para que se inflamem a sua paixão, a sua cólera e o seu ódio.

No mais das vezes, porém, assume uma atitude hipócrita, dissimulando no mais profundo do seu coração os maus sentimentos que o animam. Toma, então, caminhos escusos, seguindo o inimigo na sombra, sem que ele desconfie, e aguarda o momento propício para feri-lo sem perigo. Ocultando-se, vigia-o sem cessar, prepara-lhe ciladas odiosas, e quando surge a ocasião, derrama-lhe o veneno na taça.

Se o seu ódio não chega a esses extremos, ataca-o na sua honra nas suas afeições. Não recua diante da calúnia, e suas pérfidas insinuações, habilmente espalhadas em todas as direções, vão crescendo pelo caminho. Dessa maneira, quando o perseguido aparece nos meios atingidos pelo seu sopro envenenado, admira-se de encontrar semblantes frios onde outrora havia rostos amigos e bondosos; fica estupefato, quando as mãos que procuravam a sua agora se recusam a apertá-la; enfim, sente-se aniquilado, quando os amigos mais caros e os parentes o evitam e se esquivam dele. Ah! o covarde que se vinga dessa forma é cem vezes mais criminoso que aquele que vai direto ao inimigo e o insulta face a face!

Para trás, portanto, com esses costumes selvagens! Para trás com esses hábitos de outros tempos! Todo espírita que pretendesse ter, ainda hoje, o direito de vingar-se, seria indigno de figurar por mais tempo na falange que tomou por divisa o lema:

[Fora da caridade não há salvação.](#)

Mas não, não me deterei em semelhante idéia, de que um membro da grande família espírita possa jamais ceder ao impulso da vingança, mas, pelo contrário, ao do perdão.

E.S.E. - Allan Kardec

30 - VIOLÊNCIA

NO MUNDO AFETIVO

"Amados, se Deus de tal maneira nos amou, devemos amar uns aos outros." - João, (I João, 4:11)

Reprovamos a violência e clamamos contra a violência; no entanto, na vida de relação, muito raramente nos acomodamos sem ela, quando se trate de nossos caprichos.

Muito comum, principalmente quando amamos alguém, exigirmos que esse alguém se nos condicione ao modo de ser.

Se os entes queridos não nos compartilham gestos e opiniões, eis-nos irritadiços ou estomagados, reclamando contra a vida; todavia, a paz da alma requisita compreensão e a compreensão conhece que cada um de nós tem sua área própria de interesse e de ideais.

A Natureza é um mostruário dos recursos polimórficos com que a Sabedoria Divina plasmou a Criação.

Todas as flores são flores, mas o gerânio não tem as características do cravo e nem a rosa as da violeta. Todos os frutos são frutos, mas a laranja não guarda semelhança com a pêra. Além disso, cada flor tem o seu perfume original, tanto quanto cada fruto não amadurece fora da época prevista.

Assim, também, as criaturas.

Cada pessoa respira em faixa diversa de evolução.

Justo nós detenhamos na companhia daqueles que sentem e pensam como nós, usufruindo os valores da afinidade; entretanto, sempre que amarmos alguém que não comunga a onda de nossas idéias e emoções, abstenhamo-nos de lhe violentar a cabeça com os moldes em que se nos padroniza a vida espiritual.

Deus não dá cópias. Cada criatura vive em determinado plano da criação, segundo as leis do Criador.

Amparemo-nos para que em nosso setor de ação pessoal venhamos a ser nós mesmos. Respeitemo-nos mutuamente e ajudemo-nos a ser uns para os outros o que o Supremo Senhor espera que nós sejamos - uma bênção.

Emmanuel